

UMA HISTÓRIA NA GUERRA DOS MITOS



escrito por Alirio Lauriano de A.

**Livro escrito por Alirio Lauriano de Azevedo Neto
em Março de 2019
(o livro foi escrito por mim quando adolescente
ainda, e foi meu primeiro livro.)**

Capítulo 1 - O Nascimento de um Monstro

A noite estava densa e silenciosa, envolta em uma escuridão quase sobrenatural. O vento sussurrava lá fora, uivando através das frestas da grande fortaleza de pedra que servia como enfermaria. Dentro de uma das salas, iluminada apenas pela luz bruxuleante de velas encantadas, o ar estava carregado de tensão. O cheiro de sangue fresco e ervas místicas impregnava o ambiente.

O parto havia sido difícil. A mulher, de olhos exaustos e corpo banhado em suor, mal conseguia manter os olhos abertos. Seu filho, no entanto, veio ao mundo em um silêncio absoluto. Nenhum choro. Nenhuma reação. Apenas um olhar fixo e profundo, como se já compreendesse os segredos do universo.

O médico, um velho bruxo de túnica escura e rosto marcado pelo tempo, observou o bebê com um olhar penetrante. Seus dedos enrugados traçaram runas no ar, e uma leve energia azulada circulou ao redor da criança. O bruxo sentiu um arrepio subir pela espinha. Aquele bebê não era comum. Havia

nele um potencial oculto, um poder bruto que clamava por despertar.

Sem hesitar, o bruxo murmurou palavras proibidas, um feitiço antigo que poucos ousariam lançar. A sala foi tomada por um brilho intenso, e por um instante, o tempo pareceu parar. O corpo do bebê absorveu a energia como se fosse seu direito de nascença. Seus olhos brilharam em um tom dourado e, naquele momento, o bruxo sussurrou:

—Você irá salvar o mundo deste caos.

Mas o destino, cruel e implacável, já havia escrito outra história para aquele menino.

Antes que o bruxo pudesse contemplar o impacto de seu ato, a porta da sala foi arrombada com brutalidade. Kota, o pai da criança, entrou como uma tempestade furiosa. Sua respiração estava pesada, e seu olhar carregava a intensidade de um guerreiro prestes a rasgar seu inimigo em pedaços.

Ele viu o brilho residual de magia ao redor do filho. Viu as mãos do bruxo ainda estendidas. A fúria explodiu dentro dele como fogo selvagem.

Num movimento rápido, Kota agarrou o bruxo pelo pescoço, levantando-o do chão com uma força descomunal. Seu olhar era puro ódio.

—O que você fez com o meu filho, seu desgraçado?! — ele rosnou, a voz carregada de ameaça.

O bruxo, mesmo sufocado, manteve um olhar frio e imperturbável. Com um sorriso enigmático, ele respondeu:

—Apenas cumpri meu dever.

A resposta foi o estopim. Kota não hesitou. Seu punho se fechou como um martelo divino e desceu violentamente contra o rosto do bruxo. O som do impacto ecoou pela sala, um estalo seco e brutal. O sangue espirrou no chão de pedra.

O bruxo cambaleou, mas antes que pudesse reagir, outro soco veio, e outro, e mais outro. Kota estava cego de raiva, golpeando o homem repetidas vezes, ignorando os gritos ao redor.

Foi então que os guardas irromperam na sala. Dois deles avançaram para contê-lo, mas Kota, movido por uma fúria animalesca, se virou e desferiu dois

socos devastadores. O primeiro guarda caiu imediatamente, o nariz quebrado em um ângulo grotesco. O segundo tropeçou para trás, cuspidando sangue.

Mas os guardas não estavam ali para brincar.

Um deles sacou um taser encantado e disparou. Os fios se cravaram no peito de Kota, e uma corrente elétrica percorreu seu corpo. Ele tremeu, cambaleou... e então, riu.

—Isso era para doer? — zombou, arrancando os fios como se fossem meros fios de seda.

Ele avançou novamente, pronto para massacrar qualquer um que se opusesse a ele. Mas então, veio o segundo disparo. Não um taser desta vez.

Um tiro real.

O estrondo da arma soou como um trovão na sala estreita. Kota parou no meio do movimento. Por um momento, o silêncio dominou tudo. Ele olhou para o próprio peito, onde o sangue já começava a escorrer.

Outro tiro.

Mais um.

Kota caiu de joelhos. Seu olhar se voltou para o berço onde seu filho estava. O brilho dourado nos olhos do bebê foi a última coisa que viu antes de seu corpo tombar para trás, morto.

O bruxo se levantou, cuspidando sangue e limpando o rosto ensanguentado. Olhou para o corpo de Kota e suspirou.

—Tolos... nunca entendem o que está acima deles.

Logo depois, a porta se abriu novamente. Yuta, a mãe do bebê, entrou apressada, os olhos cheios de preocupação.

— O que aconteceu?! — sua voz tremia.

O bruxo se virou para ela, seus olhos ainda brilhando com a energia mágica residual.

— Uma tragédia. Seu marido perdeu o controle... e não sobreviveu.

A mulher ficou imóvel por um momento. Então, caiu de joelhos, o choro explodindo de sua garganta

como um lamento fúnebre. Suas mãos tremiam, agarrando-se ao chão frio enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto.

Entre soluços, ela olhou para o bruxo, desesperada.

—E o meu bebê? Ele está bem?!

O bruxo caminhou até o berço e olhou para a criança. Sim, ele estava bem. Mas mais do que isso... ele estava diferente.

—Ele está seguro. Você pode vê-lo.

A mãe se ergueu, ainda tremendo, e se aproximou do berço. Ao ver seu filho, a dor deu lugar a um sentimento mais profundo. Um sentimento que queimava em seu coração como uma promessa inquebrantável.

Ela enxugou as lágrimas e, com um sorriso sombrio, murmurou:

—Eu o tornarei forte... mesmo sem um pai.

Naquele momento, algo se selou no destino de Matsuno.

Aquele não era o nascimento de um herói.

Não era o nascimento de um salvador.

Era o nascimento de algo muito pior.

Um ser forjado pelo caos. Um psicótico com sede de poder.

E o mundo, ainda ingênuo, sequer imaginava o que estava por vir.

Capítulo 2 - O Circo das Sombras

O tempo era implacável. Para Matsuno, os dias pareciam se arrastar como uma névoa densa, um ciclo repetitivo de eventos sem brilho. Sua mãe, Yuta, lutava para criar ele e seu irmão mais velho, Orochi, com toda a força e resiliência que possuía, mas o peso da ausência do pai ainda pairava sobre a família como um espectro silencioso.

No dia em que Matsuno completou seis anos, Yuta decidiu levá-lo, junto com Orochi, ao circo que havia chegado à cidade. Para as crianças, aquilo representava um momento de escapismo, uma promessa de cores vibrantes, risadas e encanto. Para Yuta, talvez fosse uma tentativa de reviver algo que se perdera no tempo, uma oportunidade de esquecer, ainda que por algumas horas, o fardo que carregava nos ombros.

A lona gigantesca se erguia majestosamente no centro de um terreno baldio, iluminada por fileiras de lâmpadas amareladas que piscavam contra o céu escuro. O cheiro de pipoca misturava-se ao de algodão-doce, e o barulho das vozes animadas dos espectadores criava uma melodia caótica e envolvente. Orochi puxava a mãe pela mão, ansioso para entrar logo, enquanto Matsuno seguia

alguns passos atrás, seus olhos vasculhando o ambiente com cautela.

Quando as luzes do picadeiro se acenderam, o espetáculo começou com acrobatas desafiando a gravidade, cuspidores de fogo iluminando a escuridão e contorcionistas dobrando seus corpos em formas impossíveis. Mas foi quando o palhaço principal subiu ao palco que algo mudou no semblante de Yuta.

Seus olhos arregalaram-se de leve, e um sussurro ficou preso em sua garganta.

O homem maquiado, vestido com roupas coloridas e um sorriso largo, tinha uma postura que lhe era estranhamente familiar. Sua presença a transportou instantaneamente para um passado que tentava esquecer.

No meio do espetáculo, o palhaço desapareceu atrás das cortinas. Quando a apresentação terminou e as luzes começaram a baixar, Yuta virou-se para os filhos com um sorriso hesitante nos lábios, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, sentiu um arrepio subindo por sua espinha.

Alguém se aproximava por trás.

Antes que pudesse reagir, mãos fortes agarraram sua cintura e um sussurro zombeteiro ecoou próximo ao seu ouvido.

— Há quanto tempo, gatinha, hein?

Ela ofegou, girando sobre os próprios pés. Seu coração disparou ao ver aquele rosto pintado, os olhos brincalhões por trás da maquiagem branca e vermelha. O mesmo olhar travesso que conhecia tão bem.

— Tyles?!

O palhaço riu, limpando um pouco da tinta da bochecha.

— Você não mudou nada, Yuta. Ainda a mesma garota assustada de antes.

Ela corou levemente e desviou o olhar.

— E você continua sendo um idiota.

Mas, no fundo, sentia algo diferente. Algo inquietante, um eco de sentimentos antigos que ela não sabia se queria ou poderia reviver.

E assim, sem que percebesse, Tyles foi se infiltrando novamente em sua vida. Aos poucos, ele foi se aproximando de Orochi, que o adorava. Os dois corriam juntos, jogavam bola, faziam pequenas travessuras. Orochi parecia ter encontrado nele um novo melhor amigo, alguém que supria a ausência de uma figura paterna.

Mas Matsuno...

Matsuno era sempre deixado de lado.

Quando Tyles brincava com Orochi, Matsuno era ignorado. Quando saíam para comprar doces, ele não era convidado. Quando tentava se aproximar, recebia apenas olhares frios ou respostas secas. No começo, ele achava que era apenas coincidência. Mas com o tempo, percebeu que Tyles o desprezava deliberadamente.

Ele não sabia o motivo.

Mas algo dentro dele começou a crescer. Uma sensação amarga, um ressentimento silencioso.

O tempo passou. Um ano se foi, e Matsuno completou sete anos.

Naquela madrugada, a casa estava mergulhada no silêncio, mas uma sombra se movia sorrateira pela porta. Sem que ninguém percebesse, Tyles saiu, caminhando pelas vielas escuras da favela, as luzes fracas dos postes piscando acima dele. O ar cheirava a fumaça e cerveja derramada, e os becos pareciam mais estreitos do que o normal. Seu destino era um bar decadente, onde encontrou velhos conhecidos, riu alto e afogou-se em garrafas de álcool, como se não houvesse responsabilidades esperando por ele em casa.

O sol nasceu preguiçoso, e a casa ainda permanecia quieta.

Quando Yuta acordou, não notou imediatamente a ausência do marido. Supôs que ele havia saído cedo para trabalhar. O dia seguiu seu curso, e Matsuno passou as primeiras horas da manhã em silêncio.

Foi só na hora do almoço que Yuta sentiu um aperto no peito.

— Meu Deus... hoje é o aniversário do Matsuno.

Ela se virou para o filho mais novo, que estava sentado à mesa, balançando os pés enquanto olhava para o prato vazio.

— Parabéns, meu amor.

O garoto apenas sorriu de leve, sem dizer nada.

Yuta sentiu um nó na garganta.

Na tentativa de tornar aquele dia especial, teve uma ideia. Ela levaria Matsuno ao parque de diversões. Pegou sua bolsa e chamou as crianças, mas, ao sair para pegar o ônibus, algo chamou sua atenção.

Do outro lado da rua, sentando em um bar imundo, com um cigarro entre os dedos e um copo de cerveja meio cheio à sua frente, estava Tyles.

O sangue de Yuta ferveu.

Ela atravessou a rua rapidamente e agarrou o braço dele.

— Você está bebendo desde quando?!

Tyles sorriu, sua expressão era preguiçosa e desdenhosa.

— Desde que acordei, eu acho.

A fúria cresceu dentro dela como um incêndio. Sem dar-lhe escolha, arrastou-o de volta para casa, ignorando suas reclamações e desculpas esfarrapadas.

Na manhã seguinte, os gritos ecoaram pela casa.

— Você mudou, Tyles! — Yuta gritou, os olhos marejados de raiva e decepção.

Tyles riu, jogando-se no sofá como se tudo aquilo fosse uma grande piada.

— Talvez seja hora de mudar de novo — ele murmurou, levantando-se. Então, algo inesperado aconteceu. Ele se ajoelhou diante dela e segurou sua mão.

Yuta sentiu o estômago revirar.

— O que está fazendo?

Tyles ergueu o rosto e sorriu.

— Casa comigo.

O coração de Yuta disparou. Ela piscou, confusa. As lágrimas ameaçaram cair de seus olhos enquanto ela tentava entender se aquilo era real ou apenas mais uma de suas brincadeiras.

Contra todas as suas dúvidas, contra todos os alertas silenciosos em sua mente, contra tudo o que sua intuição gritava, ela aceitou.

O casamento aconteceu pouco tempo depois.

Mas aquele não foi o começo de uma nova vida feliz.

Foi o prenúncio de algo muito pior.

Uma tempestade se aproximava. E no centro dela, Matsuno apenas observava.

Silencioso.

Esperando.

E sentindo um ódio crescer dentro de si.

Capítulo 3 – O Nascimento do Monstro

O silêncio que reinava na casa foi brutalmente interrompido pelo estrondo da porta sendo aberta. O cheiro forte de álcool invadiu o ambiente como um veneno invisível, e os passos desajeitados de Tyles ecoaram pelo chão de madeira. Ele tropeçou ao entrar, resmungando palavras desconexas, enquanto seu olhar turvo buscava algo – ou alguém – para descontar sua frustração.

Yuta, que estava na sala, cruzou os braços e respirou fundo, tentando conter a raiva que queimava em seu peito. Já não era a primeira vez que ele voltava para casa nesse estado, mas naquela noite algo parecia diferente.

— De novo, Tyles? — sua voz estava carregada de decepção.

Tyles ergueu o olhar, os olhos vermelhos e injetados de fúria.

— O que foi, hein? Vai começar a me encher o saco agora?

A discussão rapidamente escalou. As palavras foram se tornando mais cortantes, os gritos mais altos. Orochi, ouvindo o barulho, desceu as escadas correndo e se colocou entre os dois, tentando apaziguar a situação.

— Pai, para com isso! Você está bêbado, só vá dormir!

Mas Tyles não viu aquilo como um conselho. Sua mente, entorpecida pelo álcool e pela raiva reprimida, interpretou as palavras do filho como uma afronta. Num instante, sua mão se ergueu e desferiu um tapa violento no rosto de Orochi, que cambaleou para trás, surpreso com a agressão.

— Quem você pensa que é para me dizer o que fazer, moleque?!

Yuta avançou para impedir, mas Tyles a segurou pelos cabelos e a jogou contra a parede. Seu punho cerrado encontrou o rosto dela com uma brutalidade chocante.

Matsuno, que estava no andar de cima, ouviu os gritos e correu para ver o que estava acontecendo. Quando chegou à sala, seu sangue gelou. Sua

mãe estava caída no chão, tentando se proteger dos golpes de Tyles.

O mundo ao redor de Matsuno escureceu.

Uma fúria avassaladora tomou conta de seu corpo.

Seus punhos se cerraram até que seus dedos ficassem brancos.

— O que você está fazendo, seu miserável?! — sua voz tremia de ódio. — Ahhh, eu vou te matar!!!

Tyles virou-se para ele com um sorriso distorcido pela loucura.

— Você enlouqueceu, Matsunoooo?!

Mas antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, um soco esmagador atingiu seu rosto. O impacto o jogou no chão, mas Matsuno não parou. Ele subiu em cima de Tyles e desferiu golpe após golpe, seus punhos ensanguentados afundando no rosto daquele homem que ele nunca chamou de pai.

Os gritos de Yuta se tornaram desesperados.

— Matsuno, pare! Alguém, socorro!!!

Mas era tarde demais.

Quando Matsuno se afastou, o corpo de Tyles já não se movia mais. Seu rosto estava irreconhecível, uma massa ensanguentada de carne e ossos quebrados.

O silêncio reinou por um instante.

Então, Matsuno começou a rir.

Um riso baixo e descontrolado, que logo se tornou histérico.

Ele olhou para Yuta, ainda caída no chão, lágrimas escorrendo por seu rosto pálido.

— Mamãe... por que você está chorando?

A resposta veio como uma facada em sua alma.

— Como você pode sorrir depois de ter matado seu próprio pai?!

O sorriso de Matsuno se desfez.

Por um momento, o silêncio se instalou entre os dois.

Então, algo dentro dele se rompeu.

Ele deu um passo à frente, os olhos carregados de algo inumano.

— Meu pai? Hahaha... ele me torturou por quatro anos!!! — sua voz oscilava entre risos e gritos de ódio. — Um pai de verdade nunca faria isso! Um pai de verdade cuida, um pai de verdade ama, um pai de verdade participa da vida do filho!

Suas mãos tremiam enquanto ele continuava:

— Eu nunca tive um pai! E um dia... um dia eu serei o homem que ensinará ao mundo o que é sentir dor!

Foi então que ele agarrou uma faca da cozinha.

O tempo pareceu desacelerar.

Yuta mal teve tempo de reagir.

A lâmina cortou sua pele.

O sangue jorrou como uma cascata vermelha.

Seus olhos se arregalaram de terror e, antes que pudesse dizer qualquer coisa, sua vida se esvaiu ali, diante do filho que ela jurou proteger.

Matsuno riu novamente, observando o sangue tingindo o chão.

— Hahaha... que divertido, mamãe. Por que vocês nunca me ensinaram esse joguinho?

Mas sua risada durou pouco.

De repente, uma dor lancinante atravessou sua cabeça.

O impacto o jogou no chão, e ele piscou algumas vezes, tentando entender o que havia acontecido.

Orochi estava diante dele, segurando um bastão ensanguentado.

— O que você fez, seu desgraçado?! — Orochi gritou, os olhos repletos de fúria e dor.

Matsuno, ainda tonto, riu baixinho e passou a mão no rosto.

— Isso era pra doer?

Orochi cerrou os dentes, lágrimas escorrendo de seus olhos.

— Você ainda continua sorrindo?! Como você pode ter mudado tanto, Matsuno?! Por quê?!

A expressão de Matsuno escureceu.

— Por quê? Você ainda pergunta? Você sempre foi o preferidinho do papai...

Seus olhos brilharam com algo insano.

— Enquanto eu sempre fui o lixo da família. O brinquedo do nosso "pai". Mas ele não sabia que estava criando um monstro...

Num movimento rápido, Matsuno avançou com a faca.

Orochi desviou e desferiu um chute, jogando-o contra a parede. Mas Matsuno se levantou quase instantaneamente, os olhos selvagens, a respiração pesada.

— Se eu não te vencer na luta... eu queimarei essa casa com você dentro. Agora tente me parar, irmão.

Orochi pegou o revólver guardado na estante.

— Você é um monstro... eu vou te matar!

O disparo ecoou pela casa.

Matsuno caiu no chão, seu corpo imóvel.

Orochi se aproximou, o coração batendo acelerado.

— Nem foi tão difícil assim... pena que só tinha uma bala.

Mas então...

Matsuno se ergueu.

Antes que Orochi pudesse reagir, a lâmina perfurou seu pescoço.

Seu corpo tremeu, tentando desesperadamente puxar o ar. Mas nada vinha.

Seus olhos encontraram os de Matsuno uma última vez.

Então, tudo ficou escuro.

Matsuno olhou para o corpo inerte do irmão.

Então, percebeu o que havia feito.

O horror tomou conta dele.

— Meu Deus... o que eu fiz?!

Desesperado, ele pegou a faca e a cravou em seu próprio pescoço.

Mas sua carne regenerou.

Uma cicatriz negra surgiu onde deveria haver uma ferida mortal.

Ele tentou novamente.

E novamente.

Cada golpe apenas fazia seu corpo se curar, como se estivesse amaldiçoado.

Ele caiu de joelhos, soluçando.

— Quem sou eu...? O que eu tenho...?

Foi então que ele ouviu.

Uma voz sombria, ecoando dentro de sua mente.

Fria.

Sussurrante.

"Você finalmente despertou..."

Capítulo 4 – O Pacto com a Escuridão

O ar ao redor de Matsuno tornou-se denso, quase irrespirável. O silêncio da casa mortuária pesava sobre ele como um túmulo aberto, e a única coisa que quebrava a quietude era o gotejar do sangue que manchava o chão. Seu peito subia e descia de maneira irregular, seu corpo ainda tremia com a adrenalina que percorria suas veias.

Foi então que ele ouviu.

Uma voz.

Baixa, profunda, sussurrando dentro de sua mente como um chamado das profundezas do abismo.

— Você finalmente despertou...

Matsuno estremeceu. Seus olhos se arregalaram, percorrendo o ambiente em busca da origem daquela presença avassaladora. Mas tudo o que viu foram sombras se estendendo pelas paredes, moldando-se em formas distorcidas que pareciam se mover por vontade própria.

— Quem está aí?! — gritou, sua voz carregada de pavor e confusão.

As sombras se adensaram, fundindo-se até formarem uma figura alta e esguia, com contornos que oscilavam como se estivessem presos entre este mundo e outro. Seus olhos eram fendas vermelhas incandescentes, chamas vivas em um rosto envolto em trevas.

— Eu sou Erebus... o demônio da escuridão.

O nome ecoou na mente de Matsuno como um trovão distante. Erebus. Ele já ouvira histórias sobre entidades sombrias que sussurravam promessas proibidas aos que se perdiam no ódio e na dor. Mas agora, ele não estava apenas ouvindo uma história. Ele estava dentro dela.

— Matsuno, no dia do seu nascimento, seu destino foi selado. Um bruxo das trevas me prendeu dentro de você para que, quando o momento certo chegasse, eu lhe concedesse o restante dos meus poderes. Ou você realmente acreditava que toda aquela força era sua?

Matsuno sentiu um arrepio subir por sua espinha. Seu corpo inteiro tremia, mas não de medo — de excitação.

— Então... aquele bruxo...

— Sim. Ele fez de você o receptáculo perfeito. E agora, garoto, você tem uma escolha. Eu posso te dar poder... poder além da sua imaginação. Mas há um preço.

Matsuno sentiu a garganta seca.

— Que preço?

Erebus deu um passo à frente, e a escuridão ao redor pareceu se contrair com sua presença.

— Um pacto. A partir do momento em que aceitá-lo, você deixará de ser um mero humano. Você será metade demônio, metade mortal. Você se tornará um Erebus. Mas, em troca, sua alma estará atrelada à escuridão para sempre. Você aceita?

Houve um instante de hesitação, uma fração de segundo em que Matsuno pensou na família morta ao seu redor, no sangue quente que cobria suas mãos, no ódio que queimava dentro de seu peito.

O que mais ele tinha a perder?

— Eu aceito.

No instante em que pronunciou essas palavras, uma dor lancinante atravessou seu corpo. Era como se garras invisíveis rasgassem sua carne, como se algo estivesse sendo arrancado e substituído por outra coisa. Ele gritou, sua visão se tornando um turbilhão de sombras e relâmpagos vermelhos.

As trevas o envolveram como um manto vivo, serpenteando por seu corpo, penetrando cada fibra de seu ser. Sua pele queimava, mas ele não conseguia se mover. Seu sangue ferveu, seu coração desacelerou, e sua respiração tornou-se um eco distante.

E então, tudo cessou.

Ele abriu os olhos.

Seus olhos não eram mais os mesmos. Brilhavam em um tom carmesim, e sua pele estava marcada por cicatrizes negras pulsantes. Algo dentro dele havia mudado para sempre.

— Agora você é meu verdadeiro herdeiro —
Erebus sussurrou antes de desaparecer nas
sombras.

Antes que pudesse entender o que havia se
tornado, um som rompeu o silêncio.

Sirene de polícia.

Matsuno cambaleou para fora de casa, tentando
limpar o sangue de suas mãos. A luz intensa de um
farol cegou sua visão por um instante, e então...

Um golpe forte na cabeça.

O mundo girou, e tudo se tornou escuridão mais
uma vez.

Matsuno despertou com uma dor latejante na
cabeça. O cheiro forte de produtos químicos
invadiu suas narinas, e ele percebeu que estava
deitado em um chão frio de metal. Seus pulsos
estavam presos por correntes grossas, e a luz
branca ofuscante da sala o deixou
temporariamente desorientado.

Seu primeiro instinto foi se levantar, mas o peso das correntes o impediu. Ele tentou puxá-las, mas percebeu que estavam presas a algo resistente.

Foi então que a porta se abriu.

Um homem alto entrou na sala, vestindo um terno negro impecável. Seu rosto era marcado por cicatrizes discretas, mas seu olhar frio e calculista era o que mais chamava atenção. Ele caminhou lentamente até Matsuno, suas botas ecoando pelo piso metálico.

— Finalmente acordou.

Matsuno franziu a testa.

— Quem diabos é você?

O homem sorriu de maneira sinistra.

— Meu nome é Jekai Menai. Prefeito do Rio de Janeiro e líder da família Menai.

O coração de Matsuno bateu mais forte.

— O que você quer de mim?

— Você será a escuridão deste mundo — Jekai respondeu calmamente.

Antes que Matsuno pudesse retrucar, soldados entraram na sala e o agarraram, arrastando-o pelos corredores da instalação. Ele tentou resistir, mas sentiu uma dor elétrica percorrer seu corpo — um dos guardas havia usado um taser nele.

— Levem-no para a sala de experimentos.

Foi jogado brutalmente sobre uma maca, onde seu corpo foi preso por cintas de aço.

Um dos soldados hesitou antes de ativar a máquina.

— Mas chefe... ele tem apenas 12 anos.

Jekai virou-se lentamente para o homem que ousava questioná-lo.

— Mate-o.

O soldado arregalou os olhos, mas antes que pudesse reagir, um disparo ecoou na sala. Seu corpo caiu no chão, sem vida.

Matsuno observou a cena com frieza.

As máquinas começaram a zumbir ao seu redor. Agulhas perfuraram sua pele, substâncias desconhecidas queimaram em suas veias.

A dor voltou.

Mas desta vez, ele a aceitou de bom grado.

Depois de incontáveis horas de experimentos, Matsuno foi levado a uma nova sala. No centro dela, repousava uma katana de lâmina negra, refletindo a luz fria do ambiente.

Jekai se aproximou e sorriu.

— Está vendo essa espada? Um dia, ela será sua. Agora treine. Torne-se o espadachim que a profecia deseja que você seja.

Matsuno, ainda sentindo os resquícios da tortura, levantou a cabeça.

— Profecia?

Jekai soltou uma risada baixa.

— Quando chegar a hora, eu explicarei. Agora...
mãos à obra.

Matsuno olhou para a katana.

Ele não era mais um garoto.

Era algo além disso.

E, quando chegasse a hora...

O mundo inteiro conheceria a escuridão que ele
havia se tornado.

.

Capítulo 5 – O Despertar da Profecia

Dez anos haviam se passado desde que Matsuno havia se entregado à escuridão, desde que se tornara o Erebus que Jekai, o misterioso líder da família Menai, acreditava ser o herói da profecia. A sombra do treinamento implacável, das noites solitárias e da dor incessante agora se espalhavam pelo corpo de Matsuno, imortalizado não apenas pela magia negra que corria em suas veias, mas pela katana com lâmina escura que ele brandia com maestria. Cada golpe de espada era uma extensão de sua alma, afiada, precisa e letal.

Ele estava em uma sala de treinamento subterrânea, a sala dos Dracos, onde os antigos guerreiros de Jekai haviam sido moldados, transformados em armas vivas, como ele. Sua respiração estava controlada, mas seu coração palpitava, um tumulto silencioso se formando dentro de sua mente. O que ele sabia sobre o destino que o aguardava? O que significava ser o herói da profecia? Essas perguntas continuavam a assombrá-lo, mas ele sabia que o que quer que fosse que estava à sua frente não poderia ser ignorado.

Foi então que Jekai entrou, seus passos ressoando pelo piso de pedra fria, como se cada som fosse um prenúncio de algo grande. O velho homem estava diferente; sua postura se erguia com um peso novo, e seus olhos brilhavam com uma excitação que Matsuno nunca antes vira.

— Garoto, finalmente chegou a hora. — Jekai disse, sua voz grave e imponente. Ele fez uma pausa, e então continuou, com uma intensidade que só um homem que carregava segredos ancestrais poderia possuir. — Há muitos anos atrás, quando os Deuses ainda caminhavam entre os humanos, eles tentaram dominar tudo. Eles queriam ser os soberanos do mundo. Mas os humanos não aceitaram. Então os Deuses tentaram exterminá-los. Mas apareceu um grupo de magos sombrios que, com sua força, derrotaram os Deuses e os selaram. No entanto... — ele sorriu de forma cruel — os Deuses não morreram. Eles estão apenas esperando o momento certo para retornar.

Matsuno sentiu um arrepio percorrer sua espinha, mas não interrompeu. Seu olhar estava fixo em Jekai, em busca de mais respostas.

— A profecia diz que o fim desse ciclo será trazido por um Erebus espadachim, alguém com a habilidade de destruir os Deuses e suas forças. E, finalmente, percebi que você, Matsuno, é o herói da profecia. — Jekai fez uma pausa dramática. — Mas saiba, garoto, que o plano deles é criar um mundo só para eles. Sem humanos. Sem nada além dos Deuses.

Matsuno deu um sorriso frio, sem sentir o peso das palavras que acabara de ouvir.

— Eu ganho algo com isso, velhote? — Perguntou com desdém, cruzando os braços, como se aquelas revelações fossem apenas mais um capítulo de uma história que ele já tinha ouvido mil vezes.

Jekai olhou-o intensamente, quase como se estivesse avaliando a profundidade de seu coração.

— Você vai salvar bilhões de vidas, garoto. — Ele respondeu, sua voz agora mais suave, como se esperasse que Matsuno sentisse a magnitude de suas palavras.

Matsuno não mostrou nenhum sinal de hesitação. Ele era uma máquina de combate agora, imortalizada pela dor e pela escuridão, mas uma chama de curiosidade queimava em seu peito.

— Você está escondendo algo de mim, velhote? — Ele notou, observando a ligeira aceleração do coração de Jekai. — Está nervoso?

Jekai desviou o olhar rapidamente, mas não negou. Ele respirou fundo e se recompos, tentando recuperar sua postura de mestre.

— Não. — Respondeu, forçando um sorriso. — Estou apenas... feliz. Esperei muito por esse momento. Agora, pegue sua katana e vá treinar seus poderes. O destino está em suas mãos.

Matsuno pegou a katana, a lâmina negra brilhando com uma energia maligna, e a ergueu diante de si, como uma extensão de sua própria alma. Ele olhou para Jekai com frieza nos olhos.

— Só saiba uma coisa, velhote: se você me trair, eu vou te torturar até a morte. — Ele disse com uma ameaça que não precisava ser dita em voz alta.

Jekai não respondeu, mas o olhar que trocou com Matsuno parecia dizer tudo. Ele sabia que o garoto não estava brincando.

A noite passou sem mais acontecimentos significativos. Mas duas horas depois, Jekai recebeu uma ligação que mudou o curso da história.

— Matsuno! — Ele gritou, com uma urgência incomum, ao entrar na sala onde o garoto estava.

Matsuno levantou-se, sentindo a tensão no ar.

— O que foi, Jekai? — Ele perguntou, pronto para mais uma missão.

— Apareceu uma Deusa no Hospital da Luz. Ela fez um massacre, matou dezenas de inocentes. Você precisa ir até lá e matar essa maldita. — Jekai disse, seus olhos agora sombrios, como se já soubesse que essa missão seria mais difícil do que qualquer uma anterior.

Matsuno assentiu e se preparou para sair. Mas, antes que ele pudesse mover-se, uma presença esmagadora invadiu o ambiente.

Héstia.

A Deusa do Fogo surgiu como uma tempestade, e antes que Matsuno pudesse reagir, ela disparou um prego de fogo direto em seu peito. A força do impacto foi tão brutal que ele foi lançado para trás, atravessando as paredes de aço do prédio e caindo para o lado de fora, em uma explosão de poeira e destruição.

Héstia, com seu olhar arrogante, caminhou até o local onde Matsuno estava caído.

— Pensei que o herói da profecia fosse mais forte.
— Ela disse, zombando. — Mas, pelo visto, você é mais fraco que esses seres insignificantes. Levante-se e me enfrente. Vamos ver se você é realmente o herói.

Matsuno, ainda atordoado, se levantou com dificuldade. O sangue escorria de seu corpo, mas a raiva estava crescendo dentro dele como uma chama incontrolável.

— Então você é a tal Deusa do fogo, né? — Ele disse, com um sorriso irônico. — Achei que você fosse mais bonita. Mas, pelo visto, você é mais feia que um animal desfigurado.

Héstia gritou, com os olhos brilhando em fúria. Ela disparou uma flecha de fogo gigante, tão grande e quente que parecia derreter o ar ao seu redor.

Matsuno não se esquivou. Em vez disso, ele avançou, sorrindo, com a katana em mãos, e cortou o ataque da Deusa com uma habilidade letal. Mas Héstia se transformou em um dragão de fogo gigantesco, engolindo-o em um único movimento.

Dentro do estômago de Héstia, Matsuno lutou com todas as forças, sua espada cortando as entranhas da Deusa em uma batalha desesperada pela sobrevivência. No entanto, Héstia, com seu poder esmagador, engoliu-o por completo e começou a queimá-lo por dentro com as chamas infernais.

Mas então, algo inesperado aconteceu.

Héstia se transformou de volta em sua forma humana, e com um sorriso vitorioso, se aproximou de Jekai. Ela parecia confiante, uma Deusa imbatível, até que, de repente, Héstia começou a se desfazer em pó.

Do interior dela, emergiu Matsuno, agora envolto em chamas negras, sua energia completamente transformada. Ele riu de forma insana, o som de sua risada reverberando nas paredes. Sua energia era destrutiva, sua essência corrompida pela escuridão que havia consumido sua alma.

Mas a exaustão o dominou, e ele desmaiou.

Quando Matsuno acordou, a cidade parecia mais distante, mais fria. Jekai o olhou com uma expressão de expectativa.

— Você não precisa mais de mim. O destino é seu agora. Continue sua caçada sozinho, Matsuno. Vá, destrua os Deuses, como era seu destino. — Ele disse, uma mistura de admiração e medo em seus olhos.

Matsuno pegou suas coisas, mais determinado do que nunca. Ele agora sabia que a verdadeira batalha estava apenas começando. Seu destino o chamava, e ele seguiria até o fim, para destruir tudo o que fosse necessário.

Com a katana em mãos, ele partiu para o desconhecido, viajando para a Ilha das Cobras,

onde os Deuses da mitologia brasileira aguardavam, prontos para testar sua força.

Agora, ele enfrentaria um novo desafio, mais mortal do que qualquer um que já enfrentara. A batalha pela sobrevivência do mundo estava em suas mãos.

Naquele mesmo dia em que Matsuno chegou à Ilha das Cobras, ele encontrou uma garota sobrevivente. Assim que seus olhos se cruzaram, a jovem se assustou e, sem hesitar, disparou uma flecha demoníaca contra ele. Matsuno desviou por pouco, sentindo a energia sombria passar ao lado de seu rosto. Naquele instante, ele percebeu: ela era como ele.

— Então você é um demônio... ou apenas um receptáculo de um? — Matsuno perguntou, se mantendo em guarda.

A garota franziu a testa, sem baixar o arco.

— Como assim? Eu sou uma bruxa... e o que você é? — Seus olhos percorreram a figura dele, avaliando cada detalhe. — Você é metade humano e metade demônio?

Matsuno assentiu.

— Sim. Mas o que você faz sozinha aqui? E qual é o seu nome?

Ela hesitou, mas então suspirou e abaixou o arco, embora ainda mantendo uma postura defensiva.

— Cresci em uma família de feiticeiros. A merda dos políticos achou que estávamos incomodando, então resolveram nos exterminar. Eu vi meus pais sendo mortos bem na minha frente... e, naquele momento, meu ódio tomou conta de mim. Matei todos que estavam ali. Me tornei uma fugitiva e, de alguma forma, me teletransportei para cá. Só que não sei como voltar. Desde então, tive que aprender a sobreviver nesta ilha. — Ela fez uma pausa e respirou fundo antes de continuar: — Meu nome é Naomi.

Matsuno a observou em silêncio por alguns segundos. Ele entendia bem o que era ser caçado pelo simples fato de existir.

— E onde você mora? Posso... sei lá, morar com você?

Ela arqueou a sobrancelha.

— Tá bom, mas... o que você veio fazer aqui, afinal?

— Eu vim matar uns deuses.

O silêncio pairou entre eles por um instante, até que Naomi cruzou os braços e sorriu de canto.

— Ah, claro, muito normal isso. Você acha mesmo que vai conseguir sozinho?

— Eu já sobrevivi até aqui...

— Pois agora eu vou te ajudar — Naomi o interrompeu.

Matsuno olhou para ela, surpreso.

— Você quer me ajudar a matar deuses?

— Tenho contas a acertar com algumas divindades — ela respondeu, sombria. — Além disso, preciso de um motivo para sair dessa ilha.

Ele assentiu.

— Certo. Mas primeiro, precisamos treinar. Amanhã começamos.

Naomi o levou até sua cabana improvisada e, pela primeira vez em muito tempo, Matsuno dormiu com a sensação de que tinha uma aliada ao seu lado.

Cinco anos depois

Após cinco anos de treinamento árduo, Matsuno e Naomi estavam finalmente prontos para a batalha. Juntos, deixaram a ilha e partiram em busca dos deuses que Matsuno queria eliminar.

Não demorou muito para encontrá-los. Diante deles, erguiam-se três figuras imponentes, irradiando poder. Matsuno, como sempre, não se conteve.

— Nossa, mas que merda, cara. Não tem deuses bonitos, não? Por que eu só encontro esses monstros feios? Agora, me digam... quem são vocês, seus lixos?

Uma das divindades deu um passo à frente, seus olhos brilhando de fúria.

— Respeite-nos, criatura ridícula. Somos as três divindades da cultura indígena! Eu sou Jaci, a Deusa da Lua. Agora vê se enxerga, garoto!

Ao lado dela estavam Tupã, o Deus do Raio e do Trovão, e Guaraci, o Deus do Sol.

Antes que pudessem reagir, Guaraci atacou Matsuno com uma rajada de fogo, lançando-o para longe. Naomi não perdeu tempo e disparou uma flecha contra Jaci, mas Tupã, rápido como um relâmpago, destruiu o arco da jovem com um raio. Desarmada e vulnerável, Naomi foi tomada pela fúria.

Sem hesitar, avançou contra Tupã, desviando de seus ataques elétricos com uma agilidade sobrenatural. Quando conseguiu alcançá-lo, o derrubou no chão e começou a socar seu rosto com uma força descomunal. O som dos ossos se quebrando ressoou no campo de batalha, e ela só parou quando a cabeça do deus virou uma massa irreconhecível.

Antes que pudesse se afastar, Jaci invocou uma rocha lunar e a jogou sobre Naomi, prendendo-a. Em seguida, materializou um machado feito da própria essência da lua e o ergueu sobre a cabeça

da jovem. Matsuno, ainda se recuperando do impacto do golpe anterior, viu a cena e gritou:

— Naomi!

Naomi olhou para ele uma última vez, um pequeno sorriso em seu rosto, antes de sussurrar:

— Matsuno... eu te amo.

O machado desceu.

O mundo parou para Matsuno. O grito que escapou de sua garganta foi carregado de ódio e desespero. Seu corpo começou a mudar. Sua pele se tornou negra como a noite, sua face desapareceu, e uma força monstruosa tomou conta dele. Ele deu um único soco em Jaci e a desintegrou no ato. O impacto do golpe quebrou o chão, criando uma cratera tão profunda que a gravidade ao redor foi alterada.

Mas não era o suficiente. Ele pegou Guaraci pelas pernas e o lançou em direção ao sol. Com um salto avassalador, seguiu o deus até sua própria morada.

— Aqui você fica mais forte, e eu fico mais fraco... agora vamos lutar de igual para igual! — Matsuno rugiu.

Os dois se enfrentaram em uma batalha feroz, destruindo meteoros e asteroides ao redor do sol. Mas Matsuno, consumido pelo ódio, não sentia dor, nem cansaço. Sacou sua katana e desferiu um golpe tão poderoso que não apenas desintegrou Guaraci, mas extinguiu uma galáxia inteira.

O vazio o cercou. Por um momento, ele sentiu que nada mais importava. Mas então, se lembrou de Naomi.

Com uma determinação cega, começou a saltar entre os destroços do espaço, criando portais de pura energia até encontrar o caminho de volta à sua galáxia. Quando finalmente retornou à ilha, correu até o corpo de Naomi e a segurou em seus braços.

— Deus... eu sei que pequei a minha vida inteira... mas essa garota não merece isso. Por favor... salve ela!

Seu coração pesava como nunca antes. Então, algo lhe veio à mente. O livro de mitologia que

Naomi guardava. Ele correu até a cabana e o folheou freneticamente. E lá estava: um totem sagrado que poderia trazer os mortos de volta à vida.

Mas havia um problema. O totem estava em Los Angeles.

E Matsuno sabia que não estava sozinho. Um deus o aguardava lá... e a batalha estava longe de acabar.

Capítulo 6 - Tudo por Ela

Quando Matsuno chegou ao local indicado pelo livro, sentiu imediatamente a presença divina. O ar ao redor estava pesado, carregado de uma energia avassaladora, e o céu, antes claro, escureceu como se a própria natureza temesse o que estava por vir.

Diante dele, uma figura sublime se ergueu, emanando um brilho dourado. Seus cabelos eram como fios de ouro líquido, e sua pele, impecável, irradiava um esplendor sobrenatural. Seus olhos cintilavam como estrelas em um céu infinito, e seu sorriso era ao mesmo tempo sedutor e cruel.

Afrodite, a Deusa da Beleza, estava ali esperando por ele.

— Você chegou longe demais, Matsuno — sua voz ecoou pelo ambiente, hipnotizante e melódica. — O totem da vida não é algo que meros mortais podem usar sem consequências. O equilíbrio precisa ser mantido.

Matsuno, impaciente e tomado pela dor da perda, não quis conversa. Seu corpo, agora um caldeirão

fervente de poder absorvido dos deuses caídos, se moveu antes mesmo que sua mente processasse. Em um instante, ele disparou em direção à deusa e desferiu um único soco.

O impacto foi devastador.

O crânio de Afrodite explodiu como vidro quebrado, fragmentos de sua essência divina se dispersando pelo ar. Seu corpo perfeito se desfez em uma poeira dourada, que lentamente se esvaiu com o vento. Matsuno observou a cena sem nenhum remorso e murmurou para si mesmo:

— Finalmente uma vadia bonita... Até que era gata, mas aquela pele oleosa me irritava.

Sem perder mais tempo, ele avançou até o pedestal de mármore negro onde o Totem da Vida repousava. A aura mística que emanava do artefato fez sua pele formigar, mas ele não hesitou. Segurou o totem com ambas as mãos e sentiu uma onda de energia fluir por seu corpo.

No mesmo instante, um clarão tomou conta do ambiente.

Quando a luz desapareceu, Naomi estava ali, recriada, frágil, caindo nos braços dele. Seus olhos se abriram lentamente, e lágrimas escorreram por seu rosto pálido.

— Eu... estou viva? — sua voz soou trêmula, quase como um sussurro.

Matsuno não conseguiu segurar a emoção. Lágrimas quentes escorreram por seu rosto enquanto ele a abraçava com força, como se tivesse medo de que ela desaparecesse de novo.

— Sim, você está viva! — sua voz falhou entre soluços. — Eu prometo nunca mais te abandonar. Eu te amo, Naomi. Me desculpa por não ter dito isso antes...

Naomi enterrou o rosto no peito dele, chorando.

— Eu também te amo, Matsuno...

Ele a segurou com mais força, sentindo o calor do corpo dela, o cheiro dos cabelos que tanto amava.

— Vamos para casa... — ele sussurrou. — Ainda temos um trabalho a terminar. Vamos exterminar todos os deuses.

Quinze dias depois

O tempo passou, e Matsuno logo percebeu que brincar com a morte tinha um preço.

Naquela manhã, enquanto treinava, sentiu uma dor lancinante em sua perna direita. Caiu de joelhos, sentindo algo estranho acontecer. Quando olhou para baixo, viu sua carne apodrecer diante de seus olhos, se desfazendo em pó.

Naomi correu até ele, desesperada.

— Matsuno! O que está acontecendo?!

Ele cerrou os dentes, sentindo a dor consumir seu corpo.

— É... o preço... por ter trazido você de volta.

Com muito esforço, ele se arrastou até sua oficina improvisada. Seu conhecimento em engenharia e alquimia demoníaca o ajudaria a encontrar uma solução. Em poucas horas, ele forjou uma perna de aço, aprimorada com runas encantadas. O metal reluzia em azul, pulsando como se estivesse vivo.

Mas no momento em que terminou de prender a prótese, algo estranho aconteceu.

Uma onda de energia percorreu seu corpo, e uma série de visões invadiu sua mente. Ele viu os momentos exatos em que matou os deuses. Sentiu suas almas atravessando sua carne, se fundindo com seu ser. E então, uma revelação veio à tona.

— Minha habilidade... — Matsuno murmurou, respirando pesadamente. — Eu... eu absorvo os poderes dos deuses que mato...

Naomi arregalou os olhos.

— Então você tem o poder de Afrodite, de Jaci, de Tupã, de Guaraci...

Matsuno olhou para suas próprias mãos, sentindo a energia pulsar dentro de si.

— Sim... eu posso sentir... a força, a velocidade, até mesmo a capacidade de manipular elementos...

Um arrepio percorreu sua espinha. Ele estava se tornando algo além de um simples meio-demônio.

Estava ascendendo a um nível que nem mesmo os deuses esperavam.

Mas antes que pudessem discutir o que fazer com esse novo poder, Naomi estremeceu. Seu olhar ficou vago por um instante, e então seus olhos se arregalaram em terror.

— Matsuno... — sua voz saiu quase inaudível. — Eles estão aqui.

Ele se levantou de imediato, sentindo um frio cortar o ar. Mas antes que pudesse reagir, um impacto violento atingiu suas costas.

Seu corpo foi lançado para frente, quebrando paredes de pedra como se fossem feitas de papel. A dor explodiu em sua espinha, e seu sangue manchou o chão.

Naomi gritou.

Matsuno tentou se erguer, mas outro golpe veio, desta vez no peito, lançando-o contra o chão com brutalidade.

Através da visão embaçada, ele conseguiu ver.

Figuras imponentes, emanando um poder avassalador, cercavam o local.

Os deuses haviam atacado.

Capítulo 7 - Dupla Elettrizante

O impacto da lâmina divina foi brutal. A katana de raio atravessou o peito de Matsuno, queimando sua carne e espalhando faíscas pelo ar. Seu corpo foi jogado para trás, colidindo com o chão seco e rachado da ilha.

Naomi gritou ao ver seu companheiro cair. Seu coração disparou, e o instinto de sobrevivência a dominou. Ela se virou para fugir, mas antes que pudesse dar um passo, um vendaval poderoso a derrubou.

— Você não vai a lugar nenhum, garota — a voz fria de Fujin ecoou enquanto ele a segurava pelo braço com força sobre-humana.

Naquele instante, algo mudou.

O corpo de Matsuno, que parecia derrotado, moveu-se de repente. Em um único movimento, veloz como um raio, ele se ergueu. Seu olhar estava afiado, e um sorriso sádico se desenhava em seus lábios.

Antes que Fujin pudesse reagir, a lâmina de Matsuno já estava em seu pescoço.

— E aí, Naomi? — Matsuno perguntou casualmente, enquanto a cabeça de Fujin caía no chão, rolando como uma bola. — Bati meu novo recorde? E a atuação, foi boa?

O sangue negro do deus se espalhou pelo chão como tinta espessa, enquanto seu corpo desmoronava sem vida.

Rajin, o Deus do Raio, observou a cena em silêncio. Seus olhos, relâmpagos furiosos, faiscaram com ódio.

— Então você é Erebus, garoto... — sua voz carregava um tom de desprezo. — Que insolente. Saiba que eu sou um deus, seu verme!

Sem hesitar, Rajin ergueu a mão e lançou uma descarga elétrica devastadora contra Matsuno. Mas antes que o ataque o atingisse, Matsuno apenas ergueu o dedo mindinho.

A onda de choque parou no ar.

Com um movimento quase preguiçoso, ele deu um leve empurrão com o dedo, e Rajin foi

arremessado para longe, atravessando rochas e árvores como se fosse uma folha ao vento.

— Vocês se intitulam deuses, mas são patéticos...

— Matsuno murmurou, caminhando lentamente em direção ao adversário caído. — O único Deus que eu conheço não está aqui. Agora me diga... de qual forma você prefere morrer?

O solo tremeu.

Rajin se ergueu com dificuldade, sua fúria transbordando. Ele rugiu, e seu corpo começou a brilhar intensamente. Em questão de segundos, seu corpo mortal desapareceu, substituído por uma forma colossal. Agora, ele era um titã feito de puro relâmpago, uma tempestade viva pronta para obliterar tudo ao seu redor.

— Agora sim... — Matsuno sorriu, sentindo a eletricidade estática percorrer seu corpo. Ele se virou para Naomi. — Vá para longe desta ilha. Eu vou destruir este lugar.

Naomi hesitou, mas sabia que não poderia ficar ali. Com um último olhar preocupado para Matsuno, pegou seus pertences e correu para longe, desaparecendo na densa floresta da ilha.

Matsuno então voltou sua atenção para Rajin, e um brilho assassino tomou conta de seus olhos.

A batalha começou.

Os golpes trocados eram titânicos. Matsuno avançava, desviando dos relâmpagos e cortando o ar com sua lâmina, enquanto Rajin respondia com descargas elétricas tão intensas que rasgavam o céu. O solo da ilha rachava a cada impacto, o mar ao redor fervia com a energia liberada.

Horas se passaram. Nenhum dos dois cedia.

Matsuno percebeu que precisava encerrar aquilo. Respirou fundo, fechou os olhos por um instante e acalmou sua mente.

Era hora de usar seu golpe mais devastador.

Ele firmou os pés no chão e segurou sua katana com ambas as mãos. A lâmina brilhou em um tom vermelho-sangue, e a energia ao seu redor começou a girar em espirais violentas.

— Yakumura... — Matsuno sussurrou, sentindo a terra tremer sob seus pés.

O ar vibrou.

Com um único corte, uma explosão de energia foi liberada. Uma lâmina invisível se expandiu, atravessando tudo em um raio de 200 km. Árvores, montanhas, o próprio mar... tudo foi reduzido a pedaços.

E Rajin, o Deus do Raio, não foi exceção.

O corpo colossal do deus foi dilacerado em incontáveis pedaços antes mesmo de entender o que havia acontecido. Seu núcleo divino brilhou por um instante antes de desaparecer para sempre.

O silêncio tomou conta da ilha devastada.

Apenas um pedaço do solo ainda restava intacto, onde Matsuno estava de pé. Ele respirou fundo, tentando recuperar as forças, quando ouviu uma voz fraca.

— Você perdeu, seu merda... — Rajin, mesmo à beira da morte, ainda sorria. — Agora já deve haver pelo menos vinte deuses destruindo a Europa... hahaha...

O sorriso dele se apagou quando Matsuno esmagou sua cabeça com um único golpe do pé.

— Vocês são todos um lixo — Matsuno rosnou. — E saiba que eu venci.

Ele olhou ao redor, vendo o caos absoluto que havia causado. Não havia mais ilha, apenas destroços flutuando sobre um oceano em fúria.

Mas não havia tempo a perder.

Ele precisava chegar à Europa antes que fosse tarde demais.

Aproveitando um pedaço de rocha suspenso no ar, Matsuno flexionou as pernas e disparou para o céu, avançando com velocidade absurda.

Seu destino?

Madrid.

E ele faria questão de exterminar cada deus que cruzasse seu caminho.

Capítulo 8 - Caos Absoluto

Matsuno cortava os céus como um meteoro em chamas. Seu corpo queimava com a energia acumulada da batalha anterior, e cada batida de seu coração parecia alimentar ainda mais sua fúria.

Mas algo estava errado.

Assim que se aproximou de Madrid, percebeu uma gigantesca nuvem negra pairando sobre a cidade. Era densa, pulsante, como se estivesse viva. Relâmpagos roxos cortavam o céu, iluminando a metrópole devastada abaixo.

Quando finalmente pousou, um cheiro insuportável de carne queimada e sangue inundou suas narinas.

O chão estava coberto de corpos mutilados.

Rios de sangue escorriam pelas ruas, misturando-se com as cinzas e a poeira da destruição. Prédios estavam reduzidos a escombros, e o único som que ecoava no ambiente era o estalar das chamas consumindo o que restava da civilização.

Matsuno sentiu um nó na garganta.

Ele caiu de joelhos.

A raiva e o desespero o atingiram ao mesmo tempo. Odiava os humanos, mas... esse massacre? Isso era algo além da brutalidade, algo pior do que ele imaginava possível.

Seus olhos se arregalaram, e então, sem controle, ele começou a rir.

Seu riso era histérico, desconexo.

— Hahahaha... Isso... Isso é ridículo...
HAHAHAHAHA!

Seu sorriso tornou-se psicótico.

Ele já havia testemunhado horrores, mas aquilo... aquilo era um pesadelo.

Foi quando ele sentiu uma presença atrás de si.

Uma pressão esmagadora, como se o próprio espaço ao seu redor estivesse sendo distorcido.

Matsuno virou-se lentamente.

Diante dele, pairando sobre os escombros, um homem de armadura negra o observava. Seu rosto era pálido, os olhos eram como abismos sem fim, e em suas mãos, um cajado emanava uma aura de trevas.

O deus sorriu de canto.

— Ora, ora... Então você é o tal Matsuno — sua voz soava como mil sussurros ecoando ao mesmo tempo. — Interessante. Não conseguiu suportar a visão do sangue humano? Hahaha... Que fraco.

Matsuno continuou rindo.

O deus inclinou a cabeça.

— Mas você é diferente de todos eles. Eu posso sentir isso. Você não é apenas um mortal... Você poderia ser algo mais.

Ele abriu os braços.

— Junte-se a nós, garoto. E eu não terei que matá-lo.

Matsuno parou de rir.

Seu olhar se tornou vazio por um instante. Então, um sorriso se alargou em seu rosto.

— Hahahaha... Que piada mais sem graça...

Num piscar de olhos, ele avançou.

— MORRA!!!

Matsuno desferiu um golpe devastador com sua katana.

Mas Hiroshi, o Deus do Caos, bloqueou o ataque com seu cajado.

A energia do impacto abriu uma cratera gigantesca sob os dois. O solo rachou, os escombros voaram em todas as direções.

Matsuno tentou cortar novamente, mas Hiroshi desviou e desferiu um golpe brutal contra ele, arremessando-o contra uma parede em ruínas.

O guerreiro se ergueu com um sorriso sádico.

— Você é rápido, velhote. Mas eu sou mais.

Ele disparou na direção de Hiroshi e, em um movimento veloz, acertou um chute direto no rosto do deus.

Hiroshi se afastou, tocando o próprio queixo, surpreso.

Então, começou a rir.

— Esse é todo o seu poder? — disse, erguendo o cajado. — Então você é o garoto que anda matando deuses? Eu esperava mais.

Ele desapareceu e reapareceu atrás de Matsuno.

Antes que o guerreiro pudesse reagir, Hiroshi atravessou seu torso com o cajado.

O sangue jorrou no ar.

Matsuno arregalou os olhos ao sentir a lâmina negra perfurá-lo.

Hiroshi o ergueu no ar como se ele fosse um mero inseto.

— Você é forte... Mas ainda é só um humano — sussurrou.

Então, com um movimento bruto, jogou Matsuno no chão, rachando o solo.

Matsuno tossiu sangue.

Antes que pudesse reagir, sentiu o peso do pé de Hiroshi esmagando sua cabeça contra os escombros.

— É o fim, garoto — disse o deus, pressionando com força.

Mas então, algo mudou.

A aura ao redor de Matsuno escureceu.

O chão ao seu redor começou a vibrar.

De repente, uma energia negra emergiu de seu corpo, consumindo o ar como uma névoa densa.

Hiroshi arregalou os olhos.

— O que...?

Matsuno segurou o pé do deus.

Seus olhos estavam completamente negros.

— Já acabou? — sua voz agora era gutural, distorcida.

A mão de Matsuno apertou o tornozelo de Hiroshi com uma força monstruosa.

Em um instante, o deus foi arremessado para o céu.

Antes que pudesse reagir, Matsuno voou atrás dele e agarrou suas pernas.

E então, disparou para o espaço a uma velocidade absurda.

O universo se tornava um borrão ao redor deles.

Quando finalmente pararam, estavam em uma galáxia desconhecida.

Matsuno olhou ao redor e sorriu.

— Aqui eu posso lutar a sério. Agora lute comigo!

Hiroshi rugiu.

Seu corpo começou a se distorcer, transformando-se em um gigantesco dragão azul de olhos vermelhos.

Matsuno ergueu sua katana.

— HORA DE MORRER, DEUS MALDITO!

Ele concentrou toda a sua energia.

Seu corpo brilhou com um poder imensurável.

— Yukare...

A lâmina cortou o espaço.

Uma onda de destruição absoluta se expandiu, obliterando planetas inteiros ao redor.

O impacto foi tão poderoso que abriu um colapso no multiverso.

Um portal gigantesco surgiu, mostrando centenas de universos desconhecidos.

Hiroshi ainda estava vivo, mas antes que pudesse reagir, Matsuno o segurou e o lançou dentro do portal.

— Aproveite sua nova casa, maldito!

Antes que o deus pudesse escapar, Matsuno desferiu outro golpe Yukare.

O portal se fechou com um estrondo, selando Hiroshi para sempre em outra realidade.

Matsuno exalou pesadamente.

Seu corpo estava no limite.

A gravidade começou a puxá-lo de volta.

Exausto, ele desmaiou e caiu na imensidão do espaço.

Três dias depois

Matsuno despertou subitamente.

Seu corpo estava flutuando no vácuo, mas ele sentia sua energia voltando.

Sem hesitar, concentrou sua força e disparou de volta ao seu planeta.

Quando finalmente atravessou a atmosfera, sentiu um arrepio percorrer sua espinha.

O caos havia se espalhado.

Madrid era só o começo.

E a guerra contra os deuses ainda não tinha acabado.

Capítulo 9 - Surge mais um Raio

O caos reinava ao redor de Matsuno. O ar estava carregado com o cheiro de destruição, poeira e sangue. Ele tentava pensar em uma forma de acabar com aquela guerra insana quando, de repente, um frio percorreu sua espinha.

Algo estava errado.

Uma fenda negra se abriu diante dele, distorcendo o espaço ao seu redor. Raios dourados crepitavam dentro do portal, e então, uma figura emergiu.

Matsuno arregalou os olhos.

Era ele mesmo.

Mas não era.

O homem que saiu da fenda vestia uma armadura dourada, e seus olhos brilhavam com um tom alaranjado, como brasas vivas. Seu sorriso era cruel, e sua presença emanava uma energia avassaladora.

— Tsc... — Matsuno deu um passo para trás, instintivamente sentindo o perigo. — Então você veio. Não esperava por isso.

Ele sorriu, tentando disfarçar a tensão.

— Vou te chamar de "merdinha", beleza?

O outro Matsuno riu.

— Hahaha! Você acha que eu estou do seu lado, moleque?

A voz dele era mais grave, mais afiada, como lâminas se chocando.

— Escuta aqui, fedelho... Eu matei todos os outros como você. Todos. Você não é especial.

Ele abriu os braços, zombando.

— Pode me chamar de Zeus.

Matsuno sentiu seu sangue ferver.

— Você acha mesmo que pode me matar?

Seus punhos se cerraram.

— Então vem e tenta a sorte, seu filho da puta desgraçado!

Matsuno avançou como um raio, sua katana brilhando com energia pura.

Zeus riu e ergueu o braço.

As lâminas se chocaram com um impacto que fez os céus tremerem.

A onda de choque destruiu os prédios ao redor.

Os dois guerreiros trocaram golpes em uma velocidade absurda, criando feixes de luz e explosões no ar.

Mas Zeus era mais rápido.

Muito mais rápido.

Em um instante, ele desviou da lâmina de Matsuno, apareceu atrás de Naomi e agarrou suas pernas.

— Você já andou com o homem mais veloz do mundo?

Naomi se debateu, mas era inútil.

Zeus sorriu cruelmente.

— Não? Então agora você vai voar com ele!

Antes que Matsuno pudesse reagir, Zeus disparou para o céu com Naomi.

Matsuno tentou persegui-los, mas no mesmo instante, um prédio desabou ao seu lado. Uma enorme pedra caiu sobre ele, esmagando seu corpo contra o solo.

Ele rugiu de ódio, tentando se libertar, mas os escombros eram pesados demais.

No alto, Naomi lutava para respirar.

O oxigênio se tornava escasso.

A mais de dez mil metros de altura, Zeus finalmente a soltou.

O corpo de Naomi começou a cair em queda livre.

Ela tentou gritar, mas o ar não entrava em seus pulmões.

Seu mundo escureceu.

Matsuno finalmente conseguiu quebrar a pedra.

Ele olhou para cima.

Seu coração congelou ao ver o corpo de Naomi despencando.

— NAOMI!!!!

Ele disparou como um foguete, mas já era tarde.

O corpo dela atingiu o chão.

O impacto ressoou como um trovão.

O tempo parou.

O sangue de Naomi manchava as pedras.

Os olhos dela estavam vazios.

Matsuno caiu de joelhos.

O silêncio tomou conta do campo de batalha.

Então, um som cortou o ar.

Uma risada.

Uma gargalhada cruel e debochada.

Zeus pousou ao lado dele e colocou a mão sobre seu ombro.

— E agora, quem é o filho da puta, hein?

Matsuno permaneceu imóvel.

— Você não vai dizer nada? Haha! Patético!

Zeus se afastou e abriu os braços para o céu.

— Eu vou destruir este universo!

Foi quando Matsuno começou a rir.

Mas sua risada não era humana.

Era sombria.

Sinistra.

A atmosfera ficou pesada.

O chão ao redor dele começou a rachar.

A pele de Matsuno escureceu, e seus olhos brilharam como estrelas mortas.

Zeus estreitou os olhos.

— O que é isso?

Matsuno ergueu a cabeça, um sorriso distorcido estampado no rosto.

— Já acabou?

Sua voz não era mais a mesma.

Ela ecoava, reverberava, como se dezenas de vozes falassem ao mesmo tempo.

— Agora é a minha vez.

Zeus sentiu um arrepio.

Matsuno desapareceu e reapareceu atrás dele.

Antes que Zeus pudesse reagir, o guerreiro enfiou a mão em seu peito e esmagou algumas de suas costelas.

Zeus rugiu de dor.

Matsuno agarrou sua katana e, em um único movimento, cortou o braço direito do inimigo.

O membro dourado voou pelo ar, mas antes mesmo de atingir o chão, Zeus regenerou-o instantaneamente.

— Interessante... — Zeus murmurou, ofegante.

Ele recuou alguns passos.

— Mas ainda é fraco.

Com um golpe devastador, Zeus atingiu Matsuno, arremessando-o contra os escombros.

O impacto foi tão brutal que a cratera se aprofundou por centenas de metros.

Matsuno voltou à sua forma humana, ofegante.

Ele estava fraco.

Zeus pousou ao lado dele, sua expressão cheia de desprezo.

Ele segurava uma grande pá dourada.

— Sabe o que é engraçado? — Zeus ergueu a arma.

Matsuno tentou se mexer, mas seu corpo não respondia.

— Você realmente achou que poderia me vencer.

Zeus sorriu.

E então, desceu a pá para arrancar a cabeça de Matsuno.

Capítulo 10 - O Chamado do Trovão

O campo de batalha estava tingido de destruição, fumaça e sangue. Matsuno, caído no chão, mal conseguia respirar. Sua visão estava embaçada, e seu corpo, coberto de ferimentos que lutavam para se regenerar. Zeus estava prestes a esmagá-lo com uma pá gigantesca de pura energia, e Matsuno sabia que não conseguiria se esquivar a tempo.

Porém, antes que o golpe fatal fosse desferido, um estrondo atravessou os céus. Uma rajada de raios explodiu no meio da arena, forçando Zeus a recuar.

Uma figura imponente emergiu do clarão, segurando um martelo que brilhava como uma tempestade. Os músculos esculpidos pareciam feitos de puro aço divino. Seus olhos brilhavam como dois sóis furiosos, e sua presença trazia consigo o peso do próprio Ragnarok.

Era Thor, o Deus do Trovão.

Ele avançou sem hesitar, erguendo Mjolnir. O som do trovão ecoou como um rugido de guerra.

— O que caralh* vocês deuses querem?! — Thor gritou, sua voz reverberando como um trovão furioso. — Porr*, deixem os humanos em paz! Tem milhares de planetas por aí!

Zeus olhou para Thor com um sorriso cínico. Seus olhos brilhavam com a arrogância de um ser que se via acima de tudo.

— Eu sou diferente... — Zeus declarou, abrindo os braços. — Eu sou um destruidor de universos. Eu irei destruir cada mundo que existe, custe o que custar. Eu sou o herói dessa porr*!

Antes que Thor pudesse responder, Zeus atacou com uma velocidade absurda. Uma sequência de golpes rápidos e violentos atingiu o Deus do Trovão, fazendo o chão rachar sob seus pés. Raios negros cortavam o ar, explodindo tudo ao redor.

Mas Thor permaneceu imóvel.

Ele sorriu.

Um sorriso selvagem, repleto de fúria.

— É só isso que você tem, Zeus? — Thor zombou.

Antes que Zeus pudesse reagir, Thor golpeou com tanta força que o próprio ar se rasgou. O impacto foi tão devastador que Zeus simplesmente... virou pó.

Matsuno, ainda ofegante no chão, observou a cena incrédulo. Thor se aproximou dele e, sem delicadeza alguma, agarrou sua camisa, sacudindo-o com força.

— Acordaaa!! Você é o moleque da profecia, né? Então levanta!!!

Matsuno sentiu um turbilhão de emoções dentro de si. Naomi... Ela estava morta. A imagem dela despencando do céu voltava à sua mente como uma lâmina perfurando sua alma.

Lágrimas começaram a escorrer por seu rosto.

— A morte da Naomi não será em vão. — Ele sussurrou, a voz embargada. — Eu irei me vingar. Que merda... tô chorando de novo...

Ele apertou os punhos, o ódio fervendo em seu peito.

— Nunca mais.

E então, sem hesitar, pegou sua katana e rasgou um sorriso em seu próprio rosto.

O sangue jorrou, quente e intenso. Mas, quase instantaneamente, sua carne se regenerou, deixando uma cicatriz grotesca e permanente.

— A partir de agora, eu estarei sempre sorrindo.

Thor observou a cena com uma mistura de respeito e preocupação. Mas não havia tempo para hesitação.

— Vamos. Temos um exército de deuses para exterminar.

Matsuno e Thor alçaram voo.

Ao chegarem ao novo campo de batalha, Matsuno sentiu o impacto da visão diante dele. O local era um verdadeiro mar de lava fervente, onde torres de magma se erguiam até os céus.

No centro do inferno flamejante, havia um trono dourado colossal. E sobre ele...

Uma figura demoníaca.

Ele era alto, de pele escarlate, com seis chifres pontiagudos em sua cabeça. Seus olhos eram fendas negras, sem alma. Ao redor dele, uma legião monstruosa. Mais de quinhentos milhões de deuses se estendiam até onde a vista alcançava.

Matsuno sentiu um nó no estômago. Aquele número... era absurdo.

— Você está pronto para salvar o mundo, garoto?
— Thor perguntou, socando a palma da mão. —
Vamos, se recomponha e bora matar esses filhos da put*!

Matsuno respirou fundo. Seu sangue fervia. Era hora de lutar.

Sua pele escureceu. Seus olhos brilharam como sóis negros. Ele se tornou Erebus novamente, mas desta vez... algo era diferente. Seu poder era ainda maior.

Thor, por sua vez, se transformou em um titã elétrico, seu corpo inteiro feito de puro raio.

O massacre começou.

Matsuno acelerou como um borrão de sombras.
Em segundos, arrancou a cabeça de um deus com
as mãos nuas. Outro tentou atacá-lo pelas
costas...

Erro fatal.

Matsuno enfiou a mão dentro do peito do inimigo e
arrancou seu coração ainda pulsando.

Os deuses eram fracos. Ele os dizimava aos
milhares. Em apenas dez segundos, mil corpos
divinos já jaziam no chão.

Thor não ficou para trás. Seu martelo esmagava
tudo ao redor. Em apenas um minuto, ele já havia
matado cem mil.

Matsuno sorriu.

Mas então... o demônio se moveu.

Em um piscar de olhos, ele se teletransportou para
a frente de Matsuno.

Aquela presença era avassaladora.

Matsuno tentou atacar primeiro, mas o demônio agarrou sua mão com facilidade.

Seus olhos brilhavam com puro desprezo.

— Vamos, me mostre do que você é capaz. — Ele murmurou, sua voz como um eco das trevas. — Ou vai morrer para esses meros deuses?

Antes que Matsuno pudesse reagir, cinco deuses saltaram sobre ele.

Lâminas atravessaram seu corpo. Sangue espirrou.

Ele caiu de joelhos, gravemente ferido.

Thor rugiu e atacou o demônio, lançando uma sequência absurda de golpes. Mas o desgraçado se esquivava de todos.

E então... ele começou a correr.

Tão rápido que criou mais de dez mil clones.

O caos se instalou.

O demônio desferiu um golpe brutal em Thor, tão forte que ele perdeu sua forma titânica e voltou ao normal.

Ofegante, Thor caiu de joelhos. Ele olhou para o céu, os olhos cheios de desespero.

— Pai... me empreste seu poder uma última vez...

Sua voz era um sussurro de dor.

— Eu sei que nunca fui um filho bom... mas eu tentei. Eu só queria uma vida normal. Só queria ser feliz.

Ele fechou os olhos.

— Pai... eu desisto...

O demônio avançou para arrancar sua cabeça.

Mas então, um trovão caiu dos céus.

Thor se ergueu. Seus olhos brilhavam. Sua pele faiscava.

Ele sorriu.

— Obrigado, meu pai.

Seu corpo explodiu em energia pura.

— Mas só depois que eu acabar com esse filho da
put*!

Matsuno, caído, sentiu seu corpo se regenerar.

Ele se ergueu. Seu poder transbordava.

E então percebeu...

Ele conseguia modelar o ouro.

Um novo poder despertava.

E a guerra estava apenas começando.

Capítulo 11 - O Preço do Poder

Matsuno sentia o calor da batalha queimando sua pele. O campo de guerra era um oceano de corpos divinos, mas ele ainda estava de pé. Seus olhos brilhavam com um negro absoluto, e sua áurea sombria tremulava ao redor de seu corpo como chamas do próprio abismo.

Ele fechou os olhos por um breve instante e sentiu sua energia se expandir. O ouro ao seu redor se moldava como se estivesse vivo, obedecendo sua vontade. Com um pensamento, ele forjou duas katanas adicionais – uma segurou com firmeza em sua mão direita, outra na esquerda. A terceira ele cravou entre os dentes, o cabo pressionado com força contra sua mandíbula.

Seu poder explodiu.

Um trovão de energia negra sacudiu o espaço.

E então, Matsuno avançou.

Cada movimento seu era um borrão. Em questão de segundos, seus golpes varreram o campo de batalha, obliterando inimigos em uma tempestade de lâminas. Ele se movia com uma precisão

impossível, cortando e dilacerando qualquer coisa que se atrevesse a cruzar seu caminho.

Duzentos milhões de deuses foram massacrados em apenas um minuto.

Mas a horda parecia infinita.

Matsuno tentava correr até Thor, que ainda enfrentava o demônio no centro da destruição. Mas os deuses restantes eram mais fortes. Diferente dos anteriores, esses resistiam aos cortes, contra-atacavam, acertavam golpes brutais. Matsuno sentia o cansaço crescer, mas não podia parar.

Thor, por sua vez, lutava como uma tempestade viva. Seu corpo emanava eletricidade pura, e cada golpe era como um relâmpago rasgando o tecido da realidade. Ele e o demônio trocavam ataques em uma velocidade que superava a luz, seus movimentos criando fendas no espaço-tempo ao redor.

Thor desferiu um soco monstruoso. O demônio respondeu com um chute devastador. O impacto fez o próprio ar explodir, formando ondas de choque que despedaçavam o chão.

Mas então, o impensável aconteceu.

O demônio agarrou o martelo de Thor.

Mjolnir era colossal, uma arma forjada no núcleo de uma estrela morta. Mas o demônio segurou seu cabo com apenas uma mão... e começou a apertar.

O metal divino brilhou intensamente, chiando sob a pressão. E então, diante dos olhos atônitos de Thor, começou a derreter. O martelo foi reduzido a uma poça incandescente de lava escarlate.

Thor rosnou, avançando sem hesitação. Mesmo sem sua arma, continuava sendo um Deus da guerra. Os dois voltaram a trocar golpes brutais, mas agora o combate se tornara uma carnificina pura, uma batalha de força contra força.

Enquanto isso, Matsuno tentava avançar, mas algo inesperado aconteceu.

Do nada, uma serpente colossal surgiu.

Era uma naja branca, seu corpo estendendo-se por quilômetros. Seus olhos vermelhos brilhavam como

faróis sanguinários. Sem hesitar, Matsuno golpeou a criatura com suas katanas, cortando escamas resistentes como diamante.

Mas a cobra foi mais rápida.

Sua mandíbula se abriu de forma grotesca e, antes que Matsuno pudesse reagir, engoliu-o por inteiro.

No interior da criatura, Matsuno sentiu o calor sufocante do ácido digestivo queimando sua pele. Mas ele não entrou em pânico.

Ele rasgou o próprio caminho para fora.

Com um único movimento, sua katana destruiu o intestino da serpente, abrindo uma fenda que o jogou de volta ao campo de batalha. Ele caiu de pé, coberto de sangue viscoso.

A serpente, no entanto, se regenerou instantaneamente.

Matsuno fechou os olhos. Precisava tentar algo diferente.

Ele respirou fundo. Sentiu a energia da criatura.

E então, ele a dominou.

A cor dos olhos da cobra mudou de vermelho para roxo. Ela agora era dele.

Matsuno subiu em suas costas.

Montado na serpente titânica, avançou em direção a Thor.

O Deus do Trovão continuava sua luta feroz. Ele conseguiu derrubar o demônio no chão e, num movimento rápido, agarrou um dos chifres da criatura. Com um rugido furioso, preparou-se para o golpe final.

Mas então... algo aconteceu.

Thor paralisou.

Seu corpo começou a enfraquecer. A eletricidade ao seu redor se dissipou.

Seus olhos se arregalaram ao perceber a verdade.

O preço pelo poder divino que pedira... havia chegado.

Thor tombou de joelhos. Seu tempo se esgotara.

O demônio se levantou lentamente, suas asas negras se abrindo. Ele sorriu.

E começou a voar.

Matsuno, vendo seu aliado caído, não hesitou.

Ele saltou da serpente, disparando como um míssil na direção do demônio.

O monstro tentou socá-lo, mas Matsuno desviou no último segundo.

E então, com um corte certo, partiu o demônio ao meio.

Mas algo estava errado.

Mesmo dividido, o demônio riu.

Uma aura sombria se espalhou.

De repente, Matsuno sentiu seu corpo ficar paralisado. Sua mente foi invadida.

E então... ele viu.

Seu passado.

A dor.

A solidão.

A morte de Naomi.

Cada trauma, cada cicatriz de sua alma, foi trazida à tona com força destrutiva. Matsuno ficou imóvel, preso em suas próprias lembranças, enquanto o demônio tentava se regenerar.

Ele precisava se mover.

Ele precisava... acordar.

Com um grito de fúria, Matsuno quebrou o feitiço.

E atacou brutalmente.

Largou suas katanas e agarrou o demônio pelo pescoço.

Então, voou.

Rapidamente, rompeu a atmosfera. O espaço se tornou seu campo de batalha.

Ele não parou até chegar a Júpiter.

Com toda sua força, lançou o corpo do demônio contra o planeta gasoso.

O impacto foi cataclísmico.

Júpiter explodiu.

Mas o demônio ainda estava vivo.

Matsuno não se importou.

Ele pegou a criatura pelo pescoço novamente e começou a socá-la.

Cada soco rachava a realidade.

Cada golpe deformava o espaço ao redor.

Ele não parou.

Por mais de uma hora, ele esmigalhou a face do monstro sem piedade.

Até que... o demônio parou de se mover.

Estava morto.

Matsuno, exausto, finalmente desmaiou.

Seu corpo caiu.

Atravessou a atmosfera da Terra como um meteoro furioso.

O impacto foi devastador.

Metade da superfície do planeta foi destruída.

Milhões de deuses pereceram na explosão.

Quando Matsuno acordou, estava acorrentado.

As algemas eram feitas de um metal desconhecido.

Ele tentou se mover, mas era inútil.

Então, ouviu uma voz.

— Acordou, garoto?

Era o prefeito.

O homem sorriu, cruzando os braços.

— A propósito, obrigado por matar os deuses. Você fez um grande trabalho.

Os olhos de Matsuno brilharam com ódio.

— Mas quem inventou a profecia fui eu. — O prefeito riu. — Eu apenas te usei a meu favor. Te manipulei. Você é muito ingênuo.

Matsuno rugiu, quebrando as algemas. Ele avançou para atacar...

Mas o prefeito foi mais rápido.

Com um único movimento, agarrou Matsuno pelo pescoço.

— Pensei que você fosse mais forte.

Seus olhos brilharam.

— Eu vou abrir o jogo.

A voz do prefeito se tornou algo mais... profundo.

Mais antigo.

— Eu sou o Deus da Criação.

Ele sorriu.

— E você... vai lutar contra ele.

Capítulo 12 - O Demônio da Vingança

O ar estava pesado. A poeira da batalha ainda pairava no campo de destruição. Matsuno sentia seus músculos pulsando de dor, sua respiração entrecortada. Mas nada disso importava agora.

Porque diante dele, segurando uma katana afiada e com os olhos vazios como a escuridão, estava alguém que ele jamais esperava ver de novo.

Seu irmão.

Matsuno sentiu as pernas fraquejarem. Seu coração disparou, e lágrimas escorreram de seus olhos antes que ele pudesse contê-las. Ele caiu de joelhos, incrédulo, os lábios tremendo enquanto pronunciava as palavras que tanto desejava dizer há anos.

— Mano... ainda bem que você está vivo! — Sua voz saiu embargada. — Me perdoe pelos meus erros do passado, irmão... por favor...

Mas a resposta foi um golpe que atravessou sua alma como uma lâmina gelada.

— O seu irmão morreu.

A voz era fria, cortante como o próprio aço.

— Agora, eu sou o demônio da vingança. Meu nome é Five. Olhe nos meus olhos... e veja o vazio em minhas retinas.

Matsuno parou. Seu coração afundou no peito.

Então, algo dentro dele queimou.

Ele cerrou os dentes, suas lágrimas secando instantaneamente. Seus olhos, antes cheios de dor, agora brilhavam com fúria.

— Ah, fod*-se! — Matsuno cuspiu no chão, levantando-se com um sorriso maníaco. — Pode vir, eu vou te cortar em pedacinhos, seu filho da put*!

E então, eles avançaram.

As katanas se chocaram com um estrondo ensurdecedor, faíscas explodindo a cada golpe. O som metálico ecoava como trovões. Matsuno percebeu de imediato: Five não era um inimigo qualquer.

Five era rápido. Rápido demais.

Matsuno recuou, tentando ganhar distância, mas Five antecipou o movimento. Num piscar de olhos, apareceu diante dele e acertou um chute violento no rosto de Matsuno, lançando-o para trás como uma bala de canhão.

A dor explodiu em sua mandíbula, mas ele não teve tempo de processá-la. Five já estava em cima dele de novo.

Matsuno rugiu de raiva e contra-atacou com uma sequência frenética de golpes, sua katana cortando o ar como um vendaval de lâminas.

Mas Five... se esquivou de todos.

Cada ataque de Matsuno passava a milímetros do alvo, sem nunca atingi-lo.

Então, Five retribuiu.

Com a mesma sequência de golpes.

Matsuno mal conseguiu acompanhar. Cada golpe era uma sombra veloz, cada lâmina um trovão

afiado. Mas ele forçou seu corpo ao limite e desviou.

Five então parou. Sua aura mudou.

Um brilho negro surgiu ao redor de sua katana.

E ele atacou.

Matsuno ergueu sua espada para bloquear—mas no instante do impacto, ouviu um som que o gelou até os ossos.

****Crack.****

A katana de Matsuno... quebrou.

O pedaço da lâmina caiu no chão, e o mundo pareceu parar por um segundo.

Matsuno arregalou os olhos. Tentou continuar a luta, mas Five já estava acima dele.

Uma lâmina negra cortou o ar... e atravessou seu peito.

Dessa vez, não houve regeneração.

Matsuno caiu de joelhos, sentindo o sangue quente escorrer pelo corpo. Sua visão ficou turva, a dor consumindo cada célula do seu ser.

E então, ele ouviu passos.

O prefeito se aproximou, suas botas ecoando na destruição silenciosa. Ele olhou para Matsuno caído, um sorriso de escárnio nos lábios.

— Eu fiz o seu parto. — Sua voz era gélida, quase entediada. — Eu te coloquei neste mundo... e eu tenho o direito de te tirar dele também.

Ele se agachou ao lado de Matsuno, pegando um punhado de poeira entre os dedos.

— Sabe por que você perdeu, garoto? Porque tem sentimentos. E sentimentos são inúteis.

O prefeito se levantou e olhou ao redor com desprezo.

— As pessoas dizem que amam umas às outras sem amar. Modelam-se como querem, como se usassem máscaras, fingindo ser algo que não são.
— Ele suspirou, balançando a cabeça. — Put* que pariu, vocês humanos me dão nojo.

Ele então se virou para Five.

— Mate-o.

Five não se moveu. Seus olhos vazios encararam o prefeito com intensidade.

— O acordo não foi esse. — Sua voz era baixa, mas firme. — Você prometeu... trazer minha família de volta.

O prefeito riu.

— Viu só? Vocês humanos se deixam levar por sentimentos. E por isso perdem.

De repente, antes que Five pudesse reagir, o prefeito se moveu.

Sua mão atravessou o peito de Five.

Um som terrível ecoou quando ele arrancou o coração pulsante.

Five olhou para o buraco em seu peito, seus olhos arregalados. Seu corpo... e seu coração... viraram pó.

Mas então, algo aconteceu.

A verdadeira forma de Five surgiu atrás do prefeito.

— Tolo.

Five atacou com uma sequência de golpes furiosos, cada um carregado com um poder destrutivo.

Mas o prefeito nem tentou desviar.

Os golpes o atingiram em cheio... mas não surtiram efeito.

A katana de Five quebrou contra a pele do prefeito.

O prefeito sorriu.

E então, uma espada colossal surgiu em suas mãos.

Com um único golpe, ele cortou a cabeça de Five.

Por um momento, tudo ficou em silêncio.

Mas a cabeça começou a se regenerar.

O corpo de Five estremeceu... e então, ele se levantou.

Dessa vez, algo nele havia mudado.

Ele estava mais rápido. Mais forte.

Ele avançou.

Dessa vez, o prefeito tentou desviar.

Mas os golpes eram rápidos demais.

O prefeito grunhiu quando cortes profundos começaram a aparecer em seu corpo. Sangue escuro escorria de seus ferimentos.

Five não parou.

Com um grito de fúria, ele agarrou o prefeito pelo pescoço.

Mas o prefeito apenas sorriu.

Com um único movimento, segurou o braço de Five... e começou a apertar.

****Crack.****

Os ossos estalaram como galhos secos.

Five gritou de dor e caiu de joelhos.

O prefeito pegou seu queixo, forçando-o a olhar para cima.

— Acalme-se, mero ser humano. — Sua voz era como veneno. — Sua morte será rápida... e indolor.

Five ofegava, lutando para respirar.

— Mas me diga... — O prefeito inclinou a cabeça.
— Você ainda acha que valeu a pena tentar defender seu irmão?

Os olhos de Five queimavam de ódio.

O prefeito riu.

— Enquanto você tiver essa fraqueza, nunca vencerá de mim.

Então, ele simplesmente... o soltou.

— Eu tenho coisas mais importantes para resolver.

Ele ergueu a mão, e um portal se abriu.

Five tentou se mover, mas não conseguiu.

Matsuno, ainda caído no chão, tentou erguer o braço.

Mas tudo escureceu.

O prefeito atravessou o portal... e desapareceu.

A última coisa que Matsuno ouviu antes de apagar... foi o silêncio absoluto da derrota.

Capítulo 13 - Renascimento e Guerra

O mundo parecia girar ao redor de Matsuno. Sua mente ainda estava atordoada, e seu corpo pesava como se tivesse sido esmagado por uma montanha. Sua visão voltou lentamente, revelando um brilho laranja tremulando nas sombras. O cheiro de fumaça e madeira queimada invadiu suas narinas.

Ele piscou algumas vezes, tentando entender onde estava.

Sentado à sua frente, alimentando uma fogueira, estava Five.

— Mas que merda tá acontecendo aqui? — Matsuno resmungou, esfregando os olhos.

Five sequer ergueu o olhar. Seu rosto estava coberto por sombras, e sua voz era séria e cansada.

— Você dormiu por oito dias. O prefeito foi para outro universo e dizimou mais de cinco bilhões de pessoas.

Matsuno arregalou os olhos.

— Cinco bilhões?!

— Sim. E pior... as pessoas que ele mata não simplesmente desaparecem. Elas se tornam demônios. E agora esses demônios estão por toda parte. Precisamos matá-los antes que seja tarde demais.

Matsuno se levantou de um pulo, os músculos protestando contra o movimento brusco. Ele respirou fundo, tentando organizar os pensamentos.

— E se eu destruir este planeta e criarmos outro?

Five ergueu o olhar pela primeira vez. Seus olhos estavam sombrios, cheios de rancor.

— Era isso que você queria fazer com a mamãe? Matá-la e depois criar outra? Eu me pergunto se você ainda é humano.

Matsuno cerrou os punhos. A lembrança ardeu em seu peito como uma faca girando em carne viva.

— Você nunca me entenderia... — Sua voz tremeu, mas ele continuou. — Eu era um excluído.

Aos poucos, fui esquecido. E o seu pai... aquele desgraçado... me torturava e me espancava todo santo dia!

Five permaneceu em silêncio, observando.

— O único que me protegia, sem que eu soubesse, era Erebus. Mas agora ele está morto. Eu... — Matsuno esfregou o rosto com as mãos. — Eu apenas saí do controle e fiz merda... Ahhh, porr*! Eu nem sei por que estou falando isso pra você. Agora me dê licença, eu vo...

— O que caralhos você pensa que vai fazer?! — Five gritou, cerrando os punhos. — São bilhões de demônios!

Matsuno riu, um sorriso arrogante surgindo em seu rosto.

— Eu vou mostrar pro mundo do que sou capaz. Eu vou matar todos os demônios.

Os olhos de Five brilharam com algo entre raiva e frustração.

— Você tem inveja, irmão. Mas não adianta. Você nunca será mais forte do que eu. E se ousar entrar

no meu caminho... — Matsuno apontou para Five.
— Eu te mato.

E com um salto, ele desapareceu no céu.

Quando Matsuno pousou na sua cidade natal, o caos já havia tomado conta.

Traficantes trocavam tiros com demônios grotescos. O cheiro de pólvora e sangue impregnava o ar. Corpos destroçados jaziam pelo chão, e os gritos de dor e fúria ecoavam por toda parte.

Sem hesitar, Matsuno desembainhou sua katana e avançou.

Com um golpe preciso, arrancou a cabeça de um demônio. O sangue negro jorrou como uma fonte macabra, tingindo o chão.

Foi então que ouviu uma voz familiar atrás de si.

— Mas que caralh*s tá acontecendo aqui?! Tem demônios e até um filho da put* espadachim mágico!

Matsuno virou-se lentamente. Seus olhos encontraram um dos traficantes que o havia espancado no passado.

— Você me reconheceu, seu filho da put*? — Matsuno sorriu, mas seus olhos eram pura fúria. — Se lembra quando você e seus parceiros me espancavam? Que tal a gente acertar as contas agora?

O traficante mal teve tempo de reagir.

Matsuno largou sua katana e o atacou com os punhos.

Cada soco era uma explosão de raiva acumulada.

O som de ossos quebrando ecoava pelo ar, misturado aos gritos abafados do traficante. Matsuno não parou. Durante cinco minutos inteiros, ele continuou esmurrando o rosto do homem, até que seu crânio não passasse de uma massa irreconhecível de carne e sangue.

Ele se levantou, ofegante. Pegou sua katana e olhou para a multidão de demônios à sua frente.

Havia mais de um milhão deles.

Seus olhos brilharam com um tom carmesim.

— Hoje vocês irão conhecer o meu impulso demoníaco...

Ele fechou os olhos. Seu corpo tremeu. Quando os abriu novamente, suas íris haviam perdido a cor.

Uma risada sombria escapou de seus lábios.

— Hahahaha... finalmente você me deixou assumir o controle... — sua voz era diferente, mais profunda. — Como é patético... você perdeu para seres fracos e imundos por causa dos sentimentos. Você não enxerga que isso é uma maldição?!

Matsuno sentiu algo puxando dentro de si. Ele forçou sua consciência de volta e rugiu:

— Eu não vou deixar! Eu vou acabar com essa guerra!

Seu olho esquerdo brilhou em branco, enquanto o direito permanecia vermelho.

Então, no céu, uma luz desceu.

Um ser colossal, montado em um cavalo dourado, apareceu entre as nuvens.

— Impulso demoníaco? — A voz trovejante ecoou.
— Hahaha... me deu vontade de rir. Você é fraco, seu filho da put*!

O Deus desceu como um raio.

Matsuno ergueu sua katana, bloqueando o golpe com força titânica. Mas então, ele sorriu.

Com um movimento ágil, segurou o pescoço do Deus e o encarou.

— Saiba que a escuridão vence a luz em todas as alternativas.

O Deus se contorceu, tentando se libertar.

— Você sabia que não é um Deus? — Matsuno continuou. — Vocês apenas se auto-intitulam assim. Mas o único Deus é Jeová.

Ele puxou o rosto do Deus para perto e sussurrou:

— Olhe nos meus olhos... e veja o vazio em minhas retinas.

O Deus conseguiu se soltar e contra-atacou com uma sequência furiosa de golpes. Matsuno desviou de alguns, bloqueou outros, mas sentiu o impacto rasgando sua carne.

Demônios se juntaram ao ataque. Matsuno rosnou e partiu todos ao meio.

O Deus investiu novamente, mas dessa vez, Matsuno estava preparado.

Ele se concentrou.

Uma aura negra começou a envolvê-lo.

Seu corpo ficou completamente preto, sem face, sem forma.

O Deus hesitou.

— Mas que diabos...?

Matsuno esperou.

O Deus atacou.

Num piscar de olhos, Matsuno desapareceu e surgiu atrás dele.

Um único tapa.

O impacto foi tão forte que o Deus despencou como um meteoro, abrindo uma cratera colossal.

A destruição atingiu parte da cidade. Entre os escombros, uma garotinha caía.

Por um instante, Matsuno viu... sua mãe.

Seu coração disparou.

Ele voou até lá e a salvou nos últimos segundos.

Algo dentro dele mudou. Sua forma sombria desapareceu. Ele caiu de joelhos, chorando.

Ajoelhado, Matsuno pegou sua katana e caminhou até o Deus, que tentava se mover.

Ele ergueu o queixo do ser divino e sussurrou:

— Eu lhe darei uma segunda chance. Me ajude a derrotar o Deus da Criação e farei o que você quiser.

O Deus riu, cuspiendo sangue.

— Garoto... ninguém pode vencê-lo. Apenas me mate.

Matsuno sorriu.

— Belezaaaa. Tanto faz.

Num golpe rápido, arrancou sua cabeça.

Se sentou no chão, pensativo.

Então, Five apareceu, estendendo a mão.

— Vai ficar só sentado aí ou vai me ajudar a matar aquele desgraçado?!

Matsuno sorriu e pegou sua mão.

— Vamos, irmão. Não sei se viu, mas tem mais criaturas ali atrás, eu os desconheço.

Capítulo 14 - O Fardo do Tempo e Sangue

Muitos anos atrás, no início dos tempos, os Deuses decidiram criar guardiões para a humanidade. Assim, deram origem a uma forma de vida peculiar, gerada a partir de um gigantesco óvulo divino. A cada ano, desse casulo nascia um Titã e um Gigante.

Mas o que são essas criaturas?

- Titã: Um humanoide de três metros, dotado de habilidades divinas e uma resistência inexplicável.
- Gigante: Criatura colossal de cerca de oitenta e quatro metros, com um único olho no centro do rosto. Sua pele é tão resistente que nem mesmo a bomba mais poderosa já concebida poderia feri-lo. Apenas os Deuses possuem o poder para abatê-lo.

Com o passar dos anos, um único país não foi suficiente para abrigá-los. Expandiram-se pelo mundo, conquistando territórios. Então, inevitavelmente, os Titãs e os Gigantes entraram em guerra, e nesse conflito brutal, toda a humanidade foi erradicada. Os Deuses, indignados com o caos gerado por suas próprias criações, não tiveram outra escolha senão queimar o planeta e recomeçar do zero.

Depois de séculos, Zeus quis restaurar a humanidade e reconstruir o mundo. No entanto, foi o Deus da Criação quem tomou para si essa responsabilidade, moldando a nova civilização. Tomado pelo ciúme e pela inveja, Zeus tentou exterminar a humanidade mais uma vez, mas o Deus da Criação o enfrentou e derrotou todos os Deuses antigos. Assim, uma nova era teve início.

No presente, Matsuno sentiu um arrepio subindo por sua espinha. Virou-se rapidamente e seus olhos se arregalaram diante da criatura à sua frente.

Era um Titã.

Um ser de três metros e meio, cujo corpo emanava eletricidade como uma tempestade viva. Sua pele parecia forjada do próprio relâmpago, e seus olhos brilhavam como faróis de energia bruta. Matsuno nem teve tempo de pensar antes que a criatura se movesse.

Rápida como um raio, ela desapareceu e reapareceu atrás dele, golpeando-o com um

simples toque do dedo indicador. O impacto foi devastador. Matsuno foi arremessado como um projétil descontrolado, atravessando vários edifícios antes de despencar em um poço d'água, no meio do deserto.

Ele engasgou, tossindo água misturada com sangue, sentindo as costelas rachadas pulsarem em agonia. Antes que pudesse se recuperar, o Titã já estava diante dele novamente.

— Mas que porra foi essa?! — Matsuno cuspiu sangue, cambaleando para se erguer. — Você é um Deus, por acaso?

O Titã cruzou os braços, estudando-o com frieza.

— Eu sou um Titã. E estou em busca dos Deuses. Diga-me onde eles estão e pouparei sua vida.

Matsuno limpou o sangue do canto da boca, rindo de forma sarcástica.

— Um Titã, hein? E ainda contra os Deuses? Bem, devo dizer que já matei quase todos eles.

Os olhos do Titã brilharam em surpresa.

— Você fez o quê? Como conseguiu matá-los?

— Da maneira tradicional — Matsuno sorriu, inclinando a cabeça. — Cortando e esmagando até pararem de respirar. Mas espera aí... como assim “nós”? Tem mais de você por aí?

O Titã assentiu lentamente.

— Somos um milhão. E há mais duzentos mil Gigantes. Agora, me diga, quais Deuses ainda estão vivos?

Matsuno cruzou os braços.

— Pelo que eu sei, só o Deus da Criação. Mas pode haver outros por aí.

A expressão do Titã se tornou mais séria.

— Você matou o Deus do Tempo? Ele está do nosso lado. Eu irei chamá-lo.

O Titã ergueu o rosto para o céu e soltou um grito ensurdecador. O firmamento escureceu instantaneamente, trovões ecoaram pelo deserto, e a chuva começou a cair com violência. No meio da

tempestade, uma figura encapuzada emergiu do nada.

Seus olhos brilhavam como relógios ancestrais, marcando o fluxo do tempo.

— Então você está vivo... — murmurou o Titã. — Matsuno, este é o Deus do Tempo. Ele pode nos ajudar.

O Deus do Tempo encarou Matsuno por alguns instantes, avaliando-o com atenção.

— Esse garoto... — sussurrou. — Ele é o Devorador de Universos!

Os olhos do Titã se arregalaram.

— O Devorador? Mas ele não tem olhos e marcas vermelhas...?

O Deus do Tempo franziu a testa.

— Isso significa que ele é um clone... Alguém o trouxe de outro universo.

Matsuno rangeu os dentes, cerrando os punhos.

— Droga... O velhote deve ter mexido com realidades paralelas.

O Deus do Tempo suspirou, sua voz carregada de cansaço.

— Se você pretende nos ajudar, passarei meu poder para você. Estou velho demais para isso. Segure minha mão e morda-a.

Matsuno piscou, confuso.

— Espera, como é que é?

— Apenas faça.

O garoto hesitou por um instante, mas então segurou a mão do Deus do Tempo e a mordeu. No mesmo instante, um poder avassalador o atravessou, e seus olhos brilharam em um verde intenso. O corpo do Deus do Tempo começou a desaparecer, dissolvendo-se como poeira ao vento.

Matsuno olhou para suas mãos, sentindo a energia pulsar dentro dele.

— Me diga, Titã... Eu posso alterar o passado?

O Titã balançou a cabeça.

— Não. Você pode viajar no tempo, mas suas ações não afetarão a linha temporal. E só poderá fazer isso uma vez.

Matsuno respirou fundo.

— Então eu tenho que tentar.

E antes que o Titã pudesse protestar, ele ativou o poder.

O mundo ao seu redor se distorceu.

Matsuno abriu os olhos e viu... a si mesmo.

Era o dia de seu nascimento.

Ele estava dentro da sala de parto, e sua mãe gritava de dor. Mas então ele viu... o médico. O velho responsável por seu nascimento.

O mesmo maldito que, anos depois, arruinaria sua vida.

E naquele momento, Matsuno soube a verdade.

O velho era um impostor. Ele assassinou seu verdadeiro pai ali mesmo, na sala de parto.

Um ódio primitivo explodiu dentro dele.

Seus olhos brilharam em carmesim.

Antes que pudesse pensar, Matsuno se moveu em um borrão de pura fúria e acertou o velho com um soco.

A força do impacto foi tão colossal que destruiu metade do planeta. A lua inteira foi pulverizada.

Ele havia perdido o controle.

E então começou o massacre.

Matsuno percorreu o mundo, matando um por um.

Homens, mulheres, crianças... Ninguém foi poupado. O tempo passou em um borrão vermelho. Sangue cobria suas mãos, seu corpo, seu rosto. O último grito humano ecoou no vazio.

E então... ele estava de volta ao presente.

Matsuno caiu de joelhos, ofegante, encharcado de sangue seco.

Os Titãs e Gigantes estavam ao redor, observando-o em silêncio. O Titã do estilo Raio se aproximou cautelosamente.

— Matsuno...?

Antes que pudesse completar a frase, Matsuno pegou sua katana e, em um único golpe, arrancou a cabeça do Titã.

O caos começou.

Os Gigantes rugiram, atacando-o de todos os lados. Matsuno respondeu com uma sequência de quinhentos socos em dois segundos. Os Titãs entraram no combate.

Uma batalha que rasgaria os céus e destruiria mundos estava prestes a começar.

Capítulo 15 - A Fúria dos Titãs e Gigantes

O impacto do golpe de Matsuno foi tão devastador que o próprio deserto foi reduzido a cinzas. Dunas inteiras evaporaram, o solo rachou e tempestades de areia e fogo se ergueram no ar. Mas os gigantes não recuaram.

Eram incontáveis. Pareciam uma muralha viva, cercando Matsuno por todos os lados, como se ele fosse uma formiga diante de uma horda de colossos.

Um dos gigantes, com quase cem metros de altura, rugiu como um trovão e saltou no ar, abrindo sua bocarra monstruosa. Lá de dentro, uma bola de fogo incandescente foi expelida com fúria. O projétil flamejante cruzou o céu como um meteoro, atingindo Matsuno em cheio.

O calor era sufocante. Sua pele ardeu e parte de seu corpo foi consumido pelas chamas. Mas Matsuno não cedeu.

— Vocês acham que podem me parar com isso?!

Antes mesmo de se recompor, ele avançou com velocidade absurda contra o gigante. Contudo, a criatura foi ágil e se esquivou no último segundo.

Matsuno não teve tempo de reagir.

Cinco Titãs surgiram das sombras e atacaram-no por trás em sincronia. Ele sentiu o impacto brutal, sendo lançado com violência contra o solo. Seu corpo deslizou por dezenas de metros até parar aos pés de um gigante colossal.

Ele cuspiu sangue, mas já estava de pé antes mesmo que a poeira baixasse.

— Agora vocês me irritaram...

Matsuno correu na direção do gigante, pisando na pele áspera da criatura e subindo pelo seu corpo como se escalasse uma montanha. Seu objetivo era a cabeça. Mas antes que pudesse chegar ao topo, outro gigante cuspiu uma esfera de lava fervente contra ele.

A explosão o jogou para longe, direto no meio da horda de gigantes.

O calor queimou suas roupas por completo, deixando-o completamente nu. O cheiro de carne chamuscada tomou o ar, mas Matsuno não demonstrou fraqueza. Em um movimento rápido, modelou duas novas katanas de ouro puro e, com um golpe veloz, empunhou três lâminas reluzentes.

— Agora é minha vez!

Ele girou no ar, cortando o pescoço de um gigante com um único movimento e aterrissando no ombro de outro. Se esquivou de um soco colossal, saltou para trás e viu um Titã avançando furtivamente para atacá-lo.

— Tentando me pegar desprevenido?!

Matsuno bloqueou o golpe do Titã e contra-atacou sem hesitar. Sua katana brilhou como um sol dourado enquanto fatiava o oponente em dezenas de pedaços. Sangue negro jorrou no ar.

A fúria dentro dele cresceu.

Em um instante, ele liberou um golpe de destruição absoluta. Sua lâmina varreu o campo de batalha como uma tempestade de morte.

O resultado foi cataclísmico.

Mais de cento e setenta mil gigantes e quatrocentos mil Titãs foram exterminados em um único ataque. O chão tremeu, os céus escureceram e um silêncio sepulcral tomou conta do campo de batalha.

Matsuno fechou os olhos, se concentrando. Mas antes que pudesse tomar fôlego, um dos gigantes pulou sobre ele e o engoliu inteiro.

O interior da criatura era sufocante, um abismo viscoso de carne e ácido. Mas Matsuno não se desesperou. Com um estalar de dedos, modelou milhares de pequenos pregos dourados e os lançou por todo o estômago do gigante.

A criatura rugiu em dor, rolando pelo chão em agonia.

— Tá sentindo agora, grandão?!

Ele então concentrou energia nas palmas das mãos e disparou uma enxurrada de bolas de fogo diretamente pela garganta do gigante. O calor foi tão intenso que a criatura vomitou Matsuno de volta para fora.

Seu corpo inteiro estava coberto de bile. Mas antes que pudesse sentir nojo, seu corpo entrou em combustão espontânea, queimando os restos do vômito e deixando-o limpo novamente.

O fogo desapareceu, e Matsuno ergueu sua katana.

Com um único corte, partiu o gigante ao meio.

O corpo desabou no chão como uma montanha desmoronando. Mas antes que a carcaça atingisse os Titãs, um deles, possuidor do poder do vento, desferiu um golpe cortante. O cadáver foi reduzido a pedaços antes de sequer tocar o solo.

Matsuno apenas sorriu.

Ele guardou sua katana e caminhou lentamente pelo campo de batalha, cercado pelos sobreviventes.

Os Titãs e Gigantes estavam em choque.

O silêncio dominou o local.

Então, Matsuno desapareceu em um borrão e reapareceu sentado em um trono de ouro no centro da destruição.

— Estão começando a entender a diferença entre nós?

Os sobreviventes recuaram.

Eles finalmente perceberam.

Não importava quantos fossem. Eles não tinham chance contra Matsuno.

O desespero se espalhou, e então veio o inevitável: eles tentaram fugir.

Mas Matsuno não permitiu.

Ele levantou sua katana e, com um golpe, cortou todos os Titãs ao meio.

Já os Gigantes... suas pernas foram decepadas, mas permaneceram vivos.

Matsuno caminhou entre os corpos mutilados, seus olhos brilhando em um tom sobrenatural. Ele se ajoelhou diante de um dos gigantes e sorriu.

— Vocês irão trabalhar comigo.

Olhando ao redor, ele viu o medo estampado nos rostos das criaturas.

— Mas para isso... vocês precisarão ser mais fortes. Mais poderosos.

Matsuno ergueu as mãos para o céu, e chamas douradas começaram a se formar ao seu redor.

— Eu irei regenerá-los e transformá-los em fogo vivo.

O céu escureceu. A energia ao redor dele cresceu, e então Matsuno fechou os olhos, começando a entoar um feitiço.

Bolas de fogo começaram a cair sobre os gigantes mutilados, envolvendo seus corpos com uma luz abrasadora. A princípio, tudo parecia estar funcionando.

Mas então... algo inesperado aconteceu.

Os gigantes começaram a se dividir.

Seus corpos se fragmentaram em múltiplas partes,
formando pequenos soldados com a aparência de
humanos.

Matsuno abriu os olhos, observando fascinado.

— Interessante...

Diante dele, uma nova força estava nascendo.
Uma legião de guerreiros incandescentes,
moldados pelo fogo e pela destruição.

A guerra estava longe de terminar.

Ela apenas começava.

Capítulo 16 - A Fúria e a Queda

O cheiro de sangue impregnava o ar. Matsuno sentiu um arrepio percorrer sua espinha ao perceber a presença de mais alguém. Virando-se lentamente, seus olhos se arregalaram ao ver seu irmão, Five, de pé ao seu lado.

Mas algo estava errado.

As mãos de Five estavam presas para trás, seu corpo coberto de cortes profundos, e o sangue escorria em filetes, manchando o solo abaixo dele. Matsuno então olhou além de seu irmão e viu a figura imponente de alguém que ele jamais esperava encontrar ali: o Deus da Criação.

O coração de Matsuno acelerou.

O Dragão não estava ao lado deles.

Aquilo só poderia significar uma coisa.

— O desgraçado está morto... — Matsuno pensou, sentindo sua fúria crescer como um incêndio.

O Deus da Criação deu um passo à frente, com um olhar calmo, porém impiedoso.

— Vamos acabar logo com isso — disse ele, sua voz reverberando como um trovão. — Passe-me o seu poder, a habilidade dos Deuses... e eu pouparei a vida do seu irmão.

Matsuno sentiu o sangue ferver.

— Morra!

Num piscar de olhos, ele avançou contra o Deus da Criação, movendo sua katana com uma velocidade absurda.

Mas tudo aconteceu rápido demais.

O Deus arrancou a cabeça de Five sem sequer se mover.

O sangue espirrou no rosto de Matsuno, e por um instante, o tempo pareceu parar. Sua mente se recusava a aceitar o que havia acontecido.

O corpo sem vida de seu irmão tombou no chão.

Um grito de pura raiva e dor rasgou sua garganta, e ele atacou outra vez, mas o Deus foi mais rápido.

Um contra-golpe veloz atingiu Matsuno no peito,
jogando-o para trás.

Ele desmaiou.

A escuridão o envolveu, mas apenas por alguns
segundos.

Quando seus olhos se abriram novamente, ele já
estava de pé, pronto para atacar outra vez. Com
um chute giratório, tentou acertar a cabeça do
Deus, mas seu oponente bloqueou com facilidade
e devolveu o golpe.

O impacto foi brutal.

Matsuno foi arremessado ao chão, e sentiu uma
dor excruciante em seu braço.

Estava quebrado.

Ele mordeu o lábio, sentindo o gosto de sangue na
boca.

Lágrimas começaram a escorrer por seu rosto, mas
mesmo assim, ele avançou mais uma vez.

O Deus desviou e contra-atacou com precisão mortal.

Outro estalo horrível.

O segundo braço de Matsuno foi quebrado.

A dor era insuportável. Ele caiu de joelhos, contorcendo-se no chão, mas recusava-se a desistir. Seus olhos brilharam com determinação selvagem.

Com a boca, ele segurou o cabo de sua katana e desferiu uma sequência frenética de golpes.

Dessa vez, o Deus da Criação não conseguiu desviar completamente. Cortes profundos surgiram em seu corpo divino, e Matsuno sorriu, mesmo fraco e caído.

Mas não era suficiente.

Seu corpo finalmente cedeu.

Ele tombou no chão, incapaz de se levantar.

O Deus se aproximou e agarrou Matsuno pelo pescoço, erguendo-o no ar como se ele fosse um mero inseto.

— Eu vou te mostrar algo... talvez assim você mude de ideia.

Antes que pudesse continuar, um rugido ecoou pelo campo de batalha.

O Dragão estava vivo.

Chamas colossais foram lançadas em direção ao Deus da Criação, forçando-o a soltar Matsuno. O jovem caiu no chão, mas antes que pudesse reagir, sentiu suas costas sendo agarradas.

O Dragão o pegou e saiu voando, afastando-o do perigo.

Os gigantes seguiram logo atrás, mas um deles saltou no ar e agarrou o rabo da fera alada. Com um movimento brutal, o gigante girou e lançou o Dragão contra o solo.

O impacto foi devastador.

Matsuno voou para longe, rolando por metros até seu corpo colidir violentamente contra uma rocha.

Antes que pudesse se recuperar, o Deus da Criação já estava sobre ele.

O primeiro chute veio como um trovão.

O segundo, ainda mais forte.

Matsuno sentiu suas costelas se partindo, sua visão escurecendo a cada golpe. O sangue escorria por sua boca enquanto o Deus continuava a atacá-lo impiedosamente.

— É isso o que acontece com aqueles que entram no meu caminho — disse o Deus, seu tom repleto de desprezo. — Agora, você morrerá pelas minhas mãos.

Ele cessou os chutes e, com um movimento fluido, teleportou Matsuno para outro lugar.

O cenário ao redor mudou num instante.

Rochas flamejantes. Lava borbulhante. Criaturas grotescas espreitando na escuridão.

Matsuno estava no inferno.

Por um momento, acreditou estar morto. Mas a dor que sentia em cada parte do seu corpo provava o contrário.

O Deus da Criação apareceu diante dele, envolto por uma aura roxa, preparando-se para um golpe final.

Ele ergueu o punho e atacou.

Mas seu golpe foi interrompido.

Uma figura colossal surgiu no último segundo, bloqueando o soco do Deus.

Matsuno olhou para o recém-chegado e sentiu um calafrio.

Aquele olhar...

Aquele poder...

Era seu pai.

O demônio que bloqueava o ataque tinha chifres imponentes, asas demoníacas, e uma altura de três metros.

Os olhos de Matsuno brilharam em vermelho intenso. Seu corpo começou a pegar fogo, e algo dentro dele se quebrou.

Sua pele queimou até se tornar completamente branca.

Seu cabelo ardeu até a raiz, desaparecendo.

Seus olhos ficaram totalmente vermelhos, e um buraco se abriu em seu peito, fazendo seu coração cair no chão.

Ele havia deixado de ser humano.

Agora... era um Deus.

Suas veias se tornaram negras como trevas vivas, e lágrimas de sangue escorreram por seu rosto.

Um sorriso cruel surgiu em seus lábios.

Num instante, ele e seu pai atacaram juntos.

O Deus da Criação, pela primeira vez, começou a sangrar.

Matsuno sorriu ainda mais.

Ele segurou sua katana e desferiu um golpe avassalador.

O inferno tremeu.

O golpe foi tão poderoso que destruiu toda a dimensão infernal, reduzindo tudo a cinzas.

Mas o Deus da Criação permaneceu de pé.

Sem sequer parecer ferido.

Ele limpou o sangue do rosto e riu.

— É só isso que você pode fazer?! Que fraco. Eu só preciso de um terço do meu poder para matá-lo.

Seus olhos brilharam com malícia.

— Seu pai será o primeiro a morrer... já o matei uma vez, por que não matar de novo? Vocês não podem me impedir. Eu só quero salvá-los. Não enxergam isso? Os humanos se mataram. Eles já não existem mais. O mundo está cheio de criaturas inúteis...

Ele abriu os braços, sua energia crescendo ainda mais.

— Eu irei exterminá-los e criar uma humanidade digna!

Matsuno apertou os punhos, sua fúria atingindo um novo nível.

— Bla bla bla... foda-se!

Ele avançou com tudo, atacando sem parar. Mas o Deus desviava de todos os golpes com facilidade.

Num piscar de olhos, teleportou-se para trás do pai de Matsuno.

O demônio tentou reagir, mas foi tarde demais.

Uma sequência brutal de golpes foi desferida.

Matsuno rugiu, canalizando todo o seu poder.

Ele ergueu as mãos para o céu e invocou quatro meteoros colossais — um de fogo, um de vento, um de terra e um de água.

O Deus se preparou para se teleportar.

Mas antes que pudesse fugir, Matsuno sorriu e transformou suas mãos e pés em ouro.

O destino do combate seria decidido ali.

Capítulo 17 - O Eclipse da Vingança

A respiração de Matsuno estava ofegante. O poder fluía por seu corpo como uma tempestade furiosa, e ele sabia que não poderia deixar o Deus escapar novamente.

Com um movimento rápido, Matsuno envolveu suas mãos e pés em ouro, impedindo que o Deus se teletransportasse. Pela primeira vez, ele viu algo raro: o Deus da Criação hesitou. Uma gota de suor escorreu por sua têmpora.

— O que foi? Está nervoso? — Matsuno perguntou, sorrindo de canto.

O Deus rangeu os dentes e rugiu, sua aura explodindo ao redor dele.

Num instante, Matsuno segurou seu pai, King, e se teletransportou com ele de volta à Terra.

Porém, ao chegarem lá, um choque os atingiu.

O Deus da Criação já estava os esperando.

— E aí? — disse ele, cruzando os braços com um olhar de superioridade. — Se divertiu com o meu

clone? Dei apenas 1% do meu poder a ele. Forte,
não é?

Matsuno arregalou os olhos.

— Seu desgraçado!!

Antes que pudesse agir, King avançou primeiro.
Seu corpo era uma sombra negra em meio à luz
crepuscular.

Ele atacou com fúria.

Mas o Deus se defendeu com facilidade e, num
único movimento, arrancou o braço de King.

O sangue espirrou no ar.

King cambaleou para trás, mas sorriu, mesmo com
a dor. Seus olhos brilharam com chamas azuis
enquanto sua voz ecoava como um trovão.

— Você acha que pode me vencer? Eu sou o
demônio mais forte e vou matar você... eu vou me
vingar!

A energia de King explodiu ao seu redor.

— Grave meu nome, seu verme imundo! Eu sou
King, o Deus dos Demônios!

Seu braço foi regenerado num instante, como se
nunca tivesse sido arrancado.

Com um movimento veloz, ele girou o corpo e
desferiu um chute devastador na testa do Deus da
Criação.

O impacto foi tão brutal que o Deus foi lançado
para longe, abrindo uma cratera no solo.

Mas ele se ergueu rapidamente, sem parecer
abalado.

Sacando sua katana sangrenta, avançou com
velocidade absurda.

O fio da lâmina cortou o ar, mirando o pescoço de
King.

King conseguiu desviar por um triz, mas a lâmina
passou rente o suficiente para abrir um corte em
seu ombro.

A batalha entre os dois foi feroz. O som dos golpes ressoava como trovões enquanto eles trocavam ataques rápidos e brutais.

Matsuno, exausto da luta anterior, caiu de joelhos. Seu corpo cedeu à fadiga e, sem perceber, ele desmaiou.

King continuou lutando sozinho.

Porém, o Deus da Criação contra-atacou com uma velocidade ainda maior, desferindo uma sequência brutal de golpes que destroçaram King em pedacinhos.

Mas King não morreria tão fácil.

Seu corpo se regenerou no mesmo instante, e uma aura azul envolveu seu corpo.

Ele rugiu e atacou novamente.

Dessa vez, usando suas asas como lâminas, ele cortou as costelas do Deus, abrindo um ferimento profundo.

O Deus, furioso, revidou com uma enxurrada de socos que atingiram King com uma força avassaladora.

Os dois trocaram golpes em uma velocidade absurda. O impacto de cada soco gerava ondas de choque que destruíam tudo ao redor.

Mesmo com seu poder colossal, King começou a sentir os danos.

O Deus pegou sua katana novamente e tentou decapitá-lo.

Mas ao invés disso, acertou apenas um de seus chifres.

King grunhiu de dor, mas não recuou.

O Deus então abriu múltiplos portais espelhados ao redor de King e desapareceu dentro de um deles.

King tentou atingi-lo, mas ao socar um dos espelhos, seu próprio golpe saiu por outro portal e o atingiu.

Ele recuou, confuso.

Tentou entrar nos portais, mas o Deus não estava lá.

Frustrado, começou a golpear todos os espelhos, mas cada golpe que desferia retornava para ele com a mesma força.

King rugiu de fúria.

— Maldito!

Ele conjurou uma bola de fogo gigantesca e lançou contra os espelhos, tentando destruí-los de uma vez por todas.

Mas o ataque retornou contra ele.

A explosão o jogou para trás, seu corpo queimando enquanto caía.

Foi então que Matsuno acordou.

Vendo seu pai sendo massacrado, sua fúria explodiu.

Sem hesitar, ele derreteu os espelhos com sua energia e libertou King.

Mas foi tarde demais.

O Deus apareceu atrás de King e, antes que ele pudesse reagir, enfiou a lâmina diretamente em sua cabeça.

King cambaleou, sua mente já se apagando.

Ele caiu de joelhos, e com seu último fôlego, olhou para Matsuno.

— Escute, Matsuno... você precisa ser o herói...
salve a todos...

Antes que Matsuno pudesse reagir, o Deus esmagou a cabeça de King com um único golpe.

O corpo do Deus dos Demônios foi selado naquele instante.

King estava morto.

Matsuno sentiu algo dentro dele se quebrar.

Uma risada insana escapou de seus lábios.

Mas lágrimas escorriam por seu rosto.

Seu corpo começou a tremer. Sua respiração ficou pesada.

Ele perdeu o controle.

Mas dessa vez... algo era diferente.

Sua energia negra emergiu com uma força avassaladora. Uma aura sombria envolveu todo o seu corpo, e o céu escureceu.

O sol desapareceu.

A noite caiu instantaneamente.

Matsuno ergueu o olhar, e sua voz saiu como um sussurro ameaçador:

— Agora não tem mais volta... você está morto.
Apenas reze para o amanhecer.

O Deus da Criação não sorriu dessa vez.

Matsuno ergueu as mãos, e duas katanas douradas surgiram.

Mas algo a mais aconteceu.

Quatro novos braços cresceram de seu corpo.

Agora ele tinha seis.

E em cada uma de suas mãos, uma katana surgiu.

Sete lâminas douradas cintilavam sob a luz da
escuridão.

Matsuno avançou.

O Deus tentou desviar, mas Matsuno estava muito
mais rápido.

Ele cortou o Deus, perfurando-o com uma das
espadas.

O sangue divino escorreu.

E Matsuno sorriu.

Ele começou a absorver a energia e a habilidade
do Deus.

O desespero brilhou nos olhos do Criador.

Num último esforço, ele quebrou a katana e se
teletransportou para longe.

Mas Matsuno não se importou.

Ele reconstruiu a lâmina no mesmo instante.

Agora, ele tinha parte da habilidade da Criação.
Apenas 3%, mas era o suficiente.

Ele poderia trazer sua família de volta.

Mas ao invés disso...

Matsuno criou algo novo.

Do meio da terra, surgiu uma criatura colossal.

Um Ciclope Estéropes, um gigante de vinte metros de altura, com resistência absurda e capaz de localizar inimigos apenas com a mente.

O monstro rugiu e avançou contra o Deus.

Mas o Deus da Criação apenas suspirou.

Ele arrancou um pedaço de sua própria unha e o lançou diretamente no coração do Ciclope.

O monstro estremeceu.

Seu corpo vacilou...

E então, caiu morto.

Matsuno cerrou os punhos.

— ... Isso não vai acabar assim.

O verdadeiro combate estava apenas começando.

Capítulo 18 - ### **Capítulo XII – O Último Suspiro do Criador**

O impacto do corpo de Matsuno contra o solo fez a terra tremer como nunca antes. O estrondo foi tão violento que rachaduras se espalharam por quilômetros, como se o mundo estivesse à beira do colapso.

O terremoto ativou um vulcão adormecido, fazendo com que rios de lava comesçassem a se derramar pelas fendas abertas no chão. O calor era sufocante, e o céu escureceu com a fumaça densa que se ergueu como um véu sombrio sobre o campo de batalha.

O Deus da Criação percebeu que não poderia vencer Matsuno naquele local. Mesmo com todo o seu poder, aquele terreno instável poderia se tornar sua ruína.

Ele cerrou os punhos e, sem hesitação, desapareceu em um clarão divino, reaparecendo em outro lugar... o Rio de Janeiro.

Mas Matsuno não permitiria que ele escapasse.

Com sua energia oscilando como uma tempestade
ao seu redor, ele o seguiu imediatamente.

Contudo, no meio do caminho, sua visão ficou
turva. Seu corpo pesou, e uma fraqueza repentina
tomou conta dele.

Ele tentou resistir.

Mas então... tudo escureceu.

A Alma Esquecida

Matsuno abriu os olhos lentamente e sentiu um frio
intenso percorrer sua pele.

O ambiente ao seu redor era etéreo, enevoadado.
Parecia um lugar entre a vida e a morte.

E então ele a viu.

Uma mulher de aparência gentil, com cabelos
longos e olhos que irradiavam tristeza.

A alma de sua mãe.

Seus olhos se arregalaram.

— Mãe...? A senhora está viva?!

Ela sorriu, mas havia dor em sua expressão.

— Não, meu filho... sou apenas um resquício do que fui. Minha alma ainda caminha pelo vazio.

Matsuno sentiu um nó se formar em sua garganta. Uma parte dele queria correr até ela, segurá-la em seus braços e sentir o calor materno que nunca teve.

Mas outra parte... uma parte obscura, tomada pelo ódio, resistia.

A voz dela continuou, hesitante.

— Sei que a vida não tem sido justa com você, Matsuno... Mas por favor, tire esse ódio do seu coração. Eu preciso lhe contar algo antes que seja tarde demais.

Ela respirou fundo.

— O doutor que fez o seu parto... ele...

Ela hesitou por um momento.

— ... Ele é seu avô.

Matsuno congelou.

A raiva emergiu como uma chama incontrolável.

Seus olhos perderam toda a cor, tornando-se vazios, sem alma.

Ele riu. Uma risada insana e distorcida.

— Você mentiu para mim esse tempo todo?!

Num movimento rápido, ele agarrou a garganta da mãe e apertou com força.

— Você é uma vadia mesmo! Meu ódio por você só aumenta, sua desgraçada! Porra... eu sabia! Eu sempre soube!

As lágrimas caíam pelo seu rosto, mas seu sorriso era de pura fúria.

— Mãe... eu te odeio!

Ele ergueu a outra mão, pronto para arrancar sua cabeça.

Mas então... a ilusão se dissipou.

Aquilo não era sua mãe.

Era um demônio.

Um servo do Deus da Criação.

O demônio sorriu maliciosamente antes de agarrar Matsuno por trás e se teletransportar.

O Ritual Sombrio

Quando Matsuno abriu os olhos novamente, estava diante do Deus da Criação.

O chão abaixo deles estava coberto por um gigantesco círculo ritualístico, desenhado com runas antigas e símbolos de poder inimaginável.

O Deus sorriu.

— Chegou a hora, Matsuno. Você realmente achou que aquele era todo o meu poder?

Ele riu com desprezo.

— Qual foi? Está com medinho?

Matsuno tentou avançar, mas o demônio tapou sua boca, impedindo que ele falasse ou conjurasse qualquer feitiço.

Por alguma razão, Matsuno estava fraco.

O Deus da Criação juntou as mãos e fechou os olhos, entoando palavras em uma língua esquecida.

Uma fumaça roxa emergiu do círculo.

O ar ficou pesado. A energia sombria queimava tudo ao redor.

E então...

O feitiço explodiu em chamas.

Por um instante, Matsuno desapareceu.

O Deus abriu os olhos, certo de que o ritual havia funcionado.

Mas quando virou-se para trás...

Matsuno estava lá.

O sorriso maníaco em seu rosto fez um arrepio percorrer a espinha do Criador.

Num movimento brutal, Matsuno agarrou o pescoço do Deus e o puxou para perto, desferindo uma cabeçada tão violenta que a terra abaixo deles se partiu em pedaços.

A explosão de energia destruiu tudo ao redor.

Matsuno se afastou, ofegante, e murmurou para si mesmo.

— Se eu matar esse desgraçado... eu tomarei o poder da criação para mim.

Seus olhos brilharam com um objetivo definitivo.

Ele se afastou... e começou sua transformação final.

O Nascimento do Deus Supremo

Uma aura roxa o envolveu, e a gravidade ao seu redor se inverteu.

Seu cabelo levitou, como se estivesse submerso
em outra dimensão.

Lágrimas escorreram por seu rosto.

Mas ao invés de caírem no chão, elas flutuaram
para o céu.

Ele deu um passo à frente, e o Deus da Criação
imediatamente atacou com uma enxurrada de
golpes.

Mas Matsuno desviava de tudo com uma calma
assustadora.

Cada movimento seu parecia ser calculado com
precisão divina.

O Criador rugiu e desferiu um golpe final, poderoso
o suficiente para destruir galáxias.

Mas não surtiu efeito algum.

Matsuno ergueu a katana, apontando-a para o céu.

O Deus tentou impedi-lo, lançando uma última
investida desesperada.

Punhos divinos, espadas sagradas, raios
cósmicos—nada funcionava.

Matsuno começou a baixar sua lâmina lentamente.

E quando o golpe atingiu o deus da Criação...

Tudo se desfez.

O impacto destruiu todos os universos, apagando
tudo da existência.

Nada restou.

Nenhuma estrela. Nenhum planeta. Nenhuma vida.

Exceto Matsuno.

Ele ficou ali, flutuando no vazio absoluto.

Seu coração doía.

Ele nunca quis isso.

Fechou os olhos e concentrou todo o seu novo
poder.

E então...

Ele recriou tudo.

Todos os universos.

E mais do que isso...

Criou uma humanidade perfeita.

Um mundo sem dor.

Sem maldade.

Sem demônios.

Mas o preço para tal feito...

Era sua própria vida.

Quando terminou sua obra, seu corpo começou a
desaparecer.

Sua existência se esvaía.

Matsuno olhou para o novo universo com um
sorriso cansado.

E então, fechou os olhos pela última vez.

A história de Matsuno foi contada por toda a eternidade.

Os novos seres humanos o adoraram o mesmo Deus que ele adorava, o Salvador, aquele que deu tudo para trazer a paz. Jeová.

E assim, Matsuno se tornou...

A lenda da criação.